



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIAS DO ENSINO DE  
HISTÓRIA**

**DALILA ARRUDA AZEVEDO**

**A TANAJURA EM TIANGUÁ: O PATRIMÔNIO IMATERIAL COMO  
POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL**

**FORTALEZA-CE**

**2014**

DALILA ARRUDA AZEVEDO

A TANAJURA EM TIANGUÁ: O PATRIMÔNIO IMATERIAL COMO  
POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL

Monografia apresentada ao curso de Metodologias do Ensino de História do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Pós-graduada.

**Orientador:** Prof. Dr. Antonio Germano  
M. Junior

FORTALEZA-CE  
2014

DALILA ARRUDA AZEVEDO

A TANAJURA EM TIANGUÁ: O PATRIMÔNIO IMATERIAL COMO  
POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL

Monografia apresentada ao curso de  
Metodologias do Ensino de História  
do Centro de Educação da  
Universidade Estadual do Ceará,  
como requisito parcial para obtenção  
do título de Pós-graduada.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Antonio Germano M. Junior (Orientador)  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Prof. Ms. Maria de Lourdes da Silva Neta  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Prof. Maria Nahir Batista Ferreira  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

## RESUMO

A tanajura constitui-se elemento cultural presente na história e no cotidiano da cidade de Tianguá, lá a formiga é inspiração para a produção de inúmeras manifestações culturais, a exemplo de cordel, dança, literatura infantil entre outros. Acredita-se que a relação de tal formiga com os moradores do município data da época em que a região ainda era habitada por índios da nação Tabajara, que possuíam como costume capturar e comer tanajura, hábito que foi assimilado pelas gerações posteriores. Usufruindo das noções de identidade, memória, história local e patrimônio esta pesquisa busca compreender a apropriação da cultura da tanajura na cidade de Tianguá, por meio da educação formal e não formal, bem como dos elementos envolvidos na relação entre o morador da referida cidade e o patrimônio em questão. A intimidade do tianguaense com a formiga pode ser expressa por meio da tentativa de tombamento do bem pelo cidadão João Bosco Gaspar junto a Câmara Municipal da referida cidade. Para exemplificar a relação – educação, tianguaense, tanajura – abordada por esta pesquisa, utilizou-se como relato de experiência o projeto de mapeamento cultural realizado pela Comissão de Cultura da Secretaria de Educação de Tianguá junto às escolas públicas municipais no ano de 2006 para o selo UNICEF Município Aprovado. A demarcação temporal a qual esta pesquisa se detém se dá do ano de 2006 aos dias atuais. Utilizou-se neste trabalho diversas fontes no intuito de torna-lo mais consistente, como: entrevista oral com moradores da cidade; literatura de cordel e infantil; matérias de jornais impressos e revistas e documentos oficiais como ata e portaria. Como fundamentação teórica destacam-se: AYLA (2006), BITTENCOURT (2009), GASPAR (2012), MAGALHÃES JUNIOR (2007), PELEGRINI (2009), SAT'ANNA (2003), JAFFÉ (1987), foram utilizados também como base para esta pesquisa os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Fundamental, que norteiam o ensino e embasam a utilização da cultura local para a construção da identidade do estudante, bem como de sua consciência cidadã. Esta pesquisa permite a compreensão do laço cultural que envolve a cidade de Tianguá com a cultura da tanajura e a apropriação dos costumes envolvidos nesse contexto pela educação municipal.

**Palavras- chave:** Tanajura. Educação. Cultura Local. Patrimônio.

## ABSTRACT

The tanajura constitutes cultural element present in history and daily life of the city of Tianguá, there is the ant inspiration for the production of numerous cultural events, like a line, dance, children's literature among others. It is believed that the relationship of such ant with residents of the city dates from the time when the region was still inhabited by Indians of Tabajara nation, which had as usual capture and eat tanajura, a habit that was assimilated by later generations. Boasting the notions of identity, memory, local history and heritage this research seeks to understand the tanajura culture of ownership in the city of Tianguá, through formal and non formal education, and of the elements involved in the relationship between the resident of that city and the assets in question. The intimacy of tianguaense the ant can be expressed by trying tipping the good citizen by John Bosco Gaspar with the Municipality of that city. To illustrate the relationship - education, tianguaense, tanajura - addressed by this research, we used to experience report the cultural mapping project conducted by the Commission of Culture of Tianguá Department of Education with the municipal public schools in 2006 to UNICEF Approved Municipality seal. The temporal demarcation which this research holds is from the year 2006 to the present day. Was used in this study various sources in order to make it more consistent, such as: oral interview with residents of the city; literature string and child; Newspapers and magazines of materials and official documents such as minutes and concierge. As theoretical foundation are: AYLA (2006), Bittencourt (2009), GASPARGASPAR (2012), MAGALHÃES JUNIOR (2007), PELEGRINI (2009), SAT'ANNA (2003), Jaffe (1987), were also used as the basis for this study the National Curriculum Parameters (PCN) for Elementary Education, which guide the teaching and underlie the use of local culture for the construction of the student's identity and his social consciousness. This research provides an understanding of the cultural bond that involves the city of Tianguá with the culture of tanajura and the appropriation of customs involved in this context by the municipal education.

**Key words:** Tanajura. Education. Local culture. Heritage.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar os meus agradecimentos são para Deus, autor e consumidor da minha fé, a quem devo graças por ter me mantido firme nessa empreitada, dando-me força e esperança de vencê-la.

Agradeço também a minha família que sempre me deu força e colaborou para que chegasse até aqui. Em especial, meu esposo, Francimar Costa, pela paciência e colaboração em tudo que me disponho a fazer. Ao meu irmão, Silvério Filho Azevedo, por me acompanhar nas entrevistas, colaborar na intermediação entre mim e os entrevistados e a minha mãe, Maria Edileuza A. Azevedo, por sempre me motivar a ir mais longe.

Meus agradecimentos são também para meus colaboradores, Vânia Maria Nogueira de Vasconcelos e Amauri Pinto de Carvalho, que disponibilizaram seu tempo, materiais e abriram as portas de suas casas para mim de bom grado e com tamanha disponibilidade, que me sinto vazia de palavras suficientes para agradecê-los.

Agradeço minha amiga Gabriele Lessa pelo incentivo na produção desta pesquisa, bem como sua solidariedade ao me emprestar seus livros e também seus ouvidos para me lamentar das inúmeras dificuldades enfrentadas no decorrer da produção deste trabalho.

Não poderia deixar de agradecer também a todos os colegas que estiveram comigo durante todo o período do curso e aos professores, pelo esmero e dedicação expressos em seu trabalho, em especial ao Professor Dr. Antônio Germano M. Junior, pela paciência que demonstrou na orientação, bem como pela sua competência comprovada mais uma vez por meio das intervenções bastante pertinentes feitas no decorrer da produção desta pesquisa.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SECULT	Secretaria de Cultura do Estado do Ceará
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
CEBEC	Centro de Educacional Professor Benjamin Cavalcante
CEB	Centro de Educação Básica
ODM	Objetivos de Desenvolvimento do Milênio
EJA	Educação de Jovens e Adultos
GRECULT	Grupo de Estudos e Valorização da Cultura Regional

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>ENSINO DE HISTÓRIA E O USO DO PATRIMÔNIO</b> .....	<b>11</b>
<b>2.1</b>	<b>O ensino de História e a construção de identidade</b> .....	<b>12</b>
2.1.1	A história do ensino de História no Brasil e o seu papel na construção da identidade nacional .....	13
2.1.2	Construindo identidades .....	16
<b>2.2</b>	<b>A História Local como proposta de ensino</b> .....	<b>18</b>
<b>2.3</b>	<b>História Local e memória</b> .....	<b>20</b>
<b>2.4</b>	<b>Educação Patrimonial e Patrimônio Imaterial</b>	
2.4.2A	A importância da Educação Patrimonial .....	22
2.4.3O	Patrimônio Imaterial entra em foco .....	25
<b>3</b>	<b>TIANGUÁ E A CULTURA DA TANAJURA</b> .....	<b>29</b>
<b>3.1</b>	<b>Conhecendo Tianguá</b> .....	<b>30</b>
<b>3.2</b>	<b>A tanajura no Brasil</b> .....	<b>31</b>
<b>3.3</b>	<b>A tanajura em Tianguá</b>	
3.3.2A	tanajura no aspecto cultural .....	33
3.3.3O	processo de espera, captura, celebração e degustação .....	37
3.3.4	Tanajura: patrimônio imaterial de Tianguá .....	39
<b>4</b>	<b>A CULTURA DA TANAJURA EM TIANGUÁ E AS EXPERIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL</b> .....	<b>41</b>
<b>4.1</b>	<b>O surgimento da iniciativa do mapeamento cultural</b> .....	<b>42</b>
4.1.2.	O que é o Selo UNICEF Município Aprovado? .....	43
<b>4.2.</b>	<b>As etapas do projeto</b> .....	<b>44</b>
4.2.1.	Pesquisa: período de capacitação .....	45
4.2.2	Pesquisa: mapeamento cultural (2006) .....	46
<b>4.3</b>	<b>As consequências do mapeamento cultural</b> .....	<b>50</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>54</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>56</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A aplicação da Educação Patrimonial nas escolas no contexto do ensino de História se dá pela necessidade de fazer com que o aluno fortaleça a sua afinidade com a herança cultural de seu povo. Estabelecendo um elo de responsabilidade e valorização do educando em relação ao bem estudado. Além do mais, nesse processo o aluno passa aos poucos a compreender o porquê da identificação da comunidade com o patrimônio, desenvolvendo assim um sentimento de pertencimento a sociedade na qual está inserido e auxiliando na preservação de sua cultura.

A relação de proximidade com o objeto estudado e a afinidade que o educando desenvolve no ensino da educação patrimonial com o bem, proporciona a construção de um significado ao que está sendo estudado e mais que isso, ele passa a atribuir um sentido as práticas culturais vivenciadas no meio no qual está inserido.

O contexto ao qual pretendemos focar no decorrer da pesquisa é o patrimônio imaterial da cidade de Tianguá<sup>1</sup>, com o foco na cultura da tanajura<sup>2</sup>, alimento tradicional da cidade, que está passando por um processo de tombamento. Este trabalho analisa a relação da tanajura com a educação patrimonial em Tianguá a partir do ano de 2006 até os dias atuais.

A caça, o preparo e a celebração da tanajura são comportamentos de representação da cultura e do imaginário da cidade de Tianguá, herança dos Tabajaras, povos ancestrais que habitavam a região.

Como elemento marcante da cultura do lugar a tanajura já foi retratada através de poesias, livros e até em músicas. Entre os autores que mais se destacam por abordar a tanajura em Tianguá podemos cita Amauri Pinto de Carvalho, João Bosco Gaspar e Vânia Maria Nogueira de Vasconcelos.

A presente pesquisa tem como objetivos específicos: a identificação do espaço que é dado, tanto na educação formal, quanto informal a figura da

---

<sup>1</sup> Município brasileiro do estado do Ceará. Localiza-se na microrregião da Ibiapaba. Mesorregião do noroeste cearense.

<sup>2</sup> A tanajura é uma formiga alada, do sexo feminino, da família das saúvas. É uma fêmea virgem que após acasalar, funda um novo formigueiro. Disponível em: <<http://www.flickr.com>>.

tanajura, bem como todos os elementos que a cercam; compreender a relação de identificação do povo tianguaense com a formiga, além de perceber em que momentos essa identificação se manifesta, já em relação aos objetivos gerais visa identificar a educação como meio potencial de promover no indivíduo um sentimento de preservação pelo espaço onde está inserido, reconhecer-se como elemento integrante daquele local, além de contribuir com as pesquisas na área patrimonial da cidade de Tianguá.

A relevância desta pesquisa está em identificar os espaços reservados a este símbolo em sala de aula, através do ensino de história local. Faz-se necessário uma melhor compreensão a respeito da manutenção dessa tradição, além de um olhar em direção a algumas práticas e costumes da cidade por meio deste elemento cultural com foco nos espaços que promovem educação; escolas, associações, rádios comunitárias entre outros.

Esta pesquisa teve como base fontes escritas referentes ao processo de tombamento da Tanajura como patrimônio imaterial do município de Tianguá, como: atas, portarias e ofícios. Além de outros documentos não oficiais, como: literatura de cordel, literatura infantil e artigos de revistas entre outros.

A oralidade, sem dúvidas, teve grande valia para esta pesquisa, já que a mesma pretende compreender não apenas os aspectos históricos em relação ao patrimônio em questão e sim como este vem sendo trabalhado no ambiente escolar e como se dá a relação entre estudante e patrimônio. As entrevistas foram realizadas com moradores da cidade que se dedicam ao estudo da Tanajura enquanto elemento da cultura local (Amauri Pinto de Carvalho e Vânia Maria Nogueira de Vasconcelos).

Documentos audiovisuais e iconográficos que abordam a Tanajura como foco também nos auxiliaram no processo da pesquisa, são eles respectivamente: documentários e fotografias.

No sentido de melhor dar conta dos objetivos desta pesquisa, procurou-se confrontar os mais diversos tipos de fontes, na tentativa de estabelecer comparações e analisar os seus vários significados

No primeiro capítulo buscou-se uma apropriação de referências teóricas com abordagem no conceito de identidade, compreendendo a importância do ensino de História na construção de identidades em vários períodos históricos

do Brasil, sobretudo de uma identidade nacional. Além de evidenciar, por meio do conceito de história local, a importância do estudo desta para a construção de uma identificação com o lugar, especialmente ao aliá-la a ideia de memória. Uma análise da educação patrimonial, bem como do patrimônio imaterial se fez necessária, a fim de dar significado ao objeto estudado, ou seja, o patrimônio cultural de Tianguá através do elemento imaterial tanajura.

O segundo capítulo constituiu-se na relação de Tianguá com a cultura da tanajura, mostrando por meio dele a estreita relação que a cidade possui com o a formiga como elemento cultural. Este capítulo também busca evidenciar os vários espaços atribuídos a ela, bem como as manifestações culturais que possuem como tema central o processo de espera, captura, celebração e degustação da iguaria. Através do presente capítulo é possível compreender a tanajura como parte do patrimônio municipal, embora ainda seja um patrimônio que esteja em processo de reafirmação constante, seja por meio do imaginário popular, das produções culturais ou mesmo por meios legais a exemplo da tentativa de tombamento implementada junto a Câmara Municipal da cidade.

O terceiro capítulo busca evidenciar experiências no campo da educação patrimonial a respeito da tanajura, o mapeamento cultural realizado em Tianguá no ano de 2006 por iniciativa do Selo UNICEF Município Aprovado é utilizado como relato de experiência, portanto nesta parte do trabalho abordou-se todo o processo do mapeamento que perpassa pelo surgimento da iniciativa, as etapas do projeto, como o período de capacitação, a execução das entrevistas e as consequências que o mesmo gerou para a cidade.

Acredita-se que esta pesquisa é mais um elemento de contribuição para a educação patrimonial de Tianguá, bem como, se constitui uma iniciativa de dar visibilidade as manifestações culturais do município com o foco na tradição de pegar, celebrar e comer a tanajura, tradição tão forte na cidade que mesmo que timidamente se insere em inúmeros aspectos do cotidiano da mesma.

## 2 ENSINO DE HISTÓRIA E O USO DO PATRIMÔNIO

Compreender a disciplina de História e seus objetivos na Educação Brasileira no decorrer da história do país permite que se reflita sobre a interferência do contexto sociopolítico na forma de se conduzir a relação de ensino/aprendizagem. Percebe-se de forma clara que durante muitos anos a educação no Brasil foi marcada por uma tentativa de homogeneização do ensino, desconsiderando as diversas regiões, culturas, geografias, entre outros. Atualmente busca-se trabalhar com aquilo que é mais próximo do educando, do meio no qual ele está inserido, a fim de que consiga compreender o mundo de forma ampla e significativa.

Esta pesquisa se propõe a identificar o espaço que é dado na Educação tianguaense à cultura da tanajura<sup>3</sup>, também conhecida como saúva, espécie de formiga com abdômen avantajado, que possui a função de rainha do formigueiro, segundo a descrição de *Klaus Jaffé; Terezinha Della Lucia e Evaldo Ferreira Vilela* (1987). Na cidade, ela é considerada Patrimônio Cultural, sendo, inclusive, produto de uma solicitação de tombamento junto a Câmara Municipal de Vereadores pelo cidadão João Bosco Gaspar. Por motivos desconhecidos, o decreto ainda não foi aprovado, no entanto, são inúmeras as manifestações culturais na cidade que permitem perceber a tanajura como parte integrante da cultura do lugar.

Muitas são as formas que o povo tianguaense utiliza para se apropriar da saúva como elemento cultural: Literatura de Cordel, Literatura Infantil, música, curta-metragem, bloco de carnaval (Tanajuras da Serra), dentre outros. Entretanto, o que há de mais concreto nessa relação de apropriação é o costume que o habitante de Tianguá tem, desde tempos remotos, de “caçar e comer tanajura”. Caçar, nesse contexto, refere-se ao significado de perseguir e capturar animais, no caso a formiga.

---

<sup>3</sup> Entende-se como cultura da tanajura a apropriação da saúva ou içá pelas diversas comunidades, por meio da captura do inseto, celebração realizada no momento, preparação, produção de músicas, cordéis, Literatura Infantil, dentre outras formas de manifestações em relação ao elemento cultural estudado.

A tanajura também é utilizada por escolas públicas e privadas para se entender a relação que o tianguense possui com os seus antepassados. Apesar de inicialmente ser lembrada apenas em períodos específicos, como feiras culturais, a História Local tem ganhado espaço significativo no cotidiano escolar com o passar do tempo. Isso é visível, sobretudo, após a iniciativa da Comissão de Cultura da Secretaria de Educação Municipal de realizar um mapeamento cultural da cidade com base, principalmente, na memória popular. Essa ação, solicitada pelo Selo UNICEF em 2006, gerou a publicação de um acervo de livros paradidáticos que tratam sobre as lendas locais. O material atualmente é utilizado nas escolas de Ensino Infantil e Fundamental, nas disciplinas de História, Artes, Português, Geografia e Religião.

Para se fazer compreensível a relação da tanajura com a educação formal e informal da cidade de Tianguá, é necessário entender de antemão a afinidade existente entre ensino de História e Identidade, relacionando a História Nacional à Local. Além do mais, é indispensável detalhamento dos demais temas expostos neste capítulo, como: História Local, Memória e Patrimônio, a fim de que o leitor se desvincule de estereótipos que, por ventura, haja sobre o assunto e permita a elaboração de um raciocínio o qual o elemento cultural estudado seja visto como parte integrante de um emaranhado de culturas em confronto com a cultura nacional.

Estudar a História Local é possibilitar ao estudante desenvolver uma identificação com o meio onde vive, estabelecendo laços identitários com a comunidade, o que resulta na preservação do Patrimônio tanto Material, quanto Imaterial daquele grupo.

## **2.1. O ensino de História e a construção de identidade**

Ao analisar o ensino da disciplina (História) no Brasil em vários períodos, percebem-se inúmeras tentativas de utilizá-lo como meio de implantar na população uma identidade homogênea. A História era utilizada para construir um ideal de nação, por isso se torna visível em diversos regimes políticos a intenção de utilizar o ensino da referida disciplina como meio de reforçar ideias pregadas por seus respectivos governos, nas várias regiões do Brasil.

Ainda hoje a disciplina é utilizada com a intenção de construir identidades, não mais uma única identidade, mas identidades múltiplas. Atualmente o desafio segue o caminho oposto ao que se percorria no passado, agora se pretende auxiliar o educando a desenvolver um sentimento de pertencimento a sua comunidade, escola, cidade, estado, região e, em seguida, ao seu país. É importante ressaltar que a identidade nacional nesse novo processo não é menos importante que as demais, no entanto, acredita-se ser mais coerente estreitar, de início, os vínculos com aquilo que está mais próximo do aluno.

#### 2.1.1. A história do ensino de História no Brasil e o seu papel na construção da identidade nacional

A disciplina específica de História no Brasil surgiu em meados do século XIX com a necessidade de se construir uma identidade nacional de caráter homogêneo, na tentativa de que o país se elevasse ao status de nação. A disciplina estava inicialmente ligada ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e ao Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, que possuíam diretrizes para a orientação do seu ensino. Dessa forma, o ensino de História no Brasil se apresentava como uma disciplina fundamental para o processo de formação de uma identidade nacional e para a construção de uma memória oficial.

A disciplina de História ministrada no Colégio Pedro II era baseada no modelo francês, que priorizava a História Universal. Após a independência, houve uma tentativa de se utilizar da História para se desenvolver um sentimento de nacionalidade. Contudo, essa tentativa não foi suficiente, porque, paradoxalmente, ainda se priorizava a História Universal no currículo da instituição. O texto de *Baldin*, citado por *Magalhães Junior* e *Lima*, descreve bem:

A distribuição dos conteúdos da disciplina “História do Brasil” então em conjunto com os conteúdos de “História Universal” acarretava prejuízo para a “História do Brasil”, porque, em função da preferência pela “História Universal”, o ano letivo sempre iniciava pela sequência cronológica (ou seja, a linearidade então adotada – História Antiga, História Medieval, História Moderna, História Contemporânea...).

Desta maneira, jamais havia tempo para se encerrar o ano com um estudo da “História do Brasil”. Tal procedimento ocorria também no ensino primário (BALDIN 1989 *apud* MAGALHÃES JUNIOR; LIMA, 2007, p. 7, grifos do autor).

No Colégio Pedro II, bem como em outras instituições educacionais que ao longo do tempo foram surgindo, a disciplina de História priorizava a memorização, o enaltecimento dos grandes heróis e pouco, ou nada, auxiliava os alunos a compreenderem os conflitos sociais de sua época e espaço. Construir heróis nacionais fazia parte do projeto de consolidar a identidade nacional, afinal o Brasil já não era mais oficialmente dependente de Portugal e agora precisava produzir sua própria História, desvinculada da antiga Metrópole. Além do mais, era necessário para o governo incutir na população do Brasil um ideal de brasilidade e tentar suprimir o sentimento de Regionalismo que era predominante na época e gerava vários conflitos entre as regiões e até mesmo destas com o governo central.

Já com a proclamação da República, a preocupação mais recorrente do governo era desenvolver um sentimento de patriotismo na população brasileira, e a disciplina de História estava mais uma vez incumbida deste papel. Fundamentada nos ideais positivistas<sup>4</sup>, a disciplina buscava consolidar outros heróis nacionais, desta vez os que eram de interesse do governo vigente. Ainda fazia parte do ideal patriótico a instituição de festas cívicas, que tinham a finalidade de reforçar a implantação do novo regime.

Apesar da tentativa de imbuir à população de um sentimento patriótico, o próprio processo de construção desse patriotismo baseava-se no Positivismo francês. A exemplo podemos citar a menção que se faz na bandeira nacional ao ideal positivista *ordem e progresso*. A menção é paradoxal, pois o país tinha a intenção de afirmar em seu povo um amor pela nação, mas é influenciado por um ideal vindo do exterior.

---

<sup>4</sup> Os historiadores dessa corrente de pensamento baseavam suas análises em perspectivas deterministas e paradigmáticas que tendiam ao absoluto [...]. A intenção dos historiadores positivistas era ressaltar a importância dos grandes heróis nacionais, assim como, evidenciar no Estado Nacional em consolidação, o verdadeiro sujeito das transformações em curso. RODRIGUES, André Wagner. **A História Positivista**: características introdutórias. Disponível em: <<http://www.historiaemperspectiva.com>>. Acesso em 24 de outubro de 2014.

Em outro período que ficou conhecido como República Velha, o ensino de História no país foi bastante influenciado pelas concepções de cultura e educação norte-americanas. Segundo Magalhães Junior e Lima (2007, p. 08):

O pensamento pragmático do filósofo John Dewey penetrou nas escolas brasileiras através de intelectuais que, entusiasmados pelas ideias da “Escola Ativa”, começaram a criticar a Escola Tradicional e, em oposição, lutaram pela implantação do modelo Escolanovista, retirando os conteúdos do centro de atenção das práticas pedagógicas e privilegiando a participação ativa dos educandos no processo de ensino e aprendizagem.

Essa nova forma de conceber a História foi positiva, porque proporcionou mudanças significativas no seu ensino, já que, por meio dessas mudanças, o foco do ensino saía da figura do professor e aos poucos destacava o aluno como sujeito do espaço onde estava inserido. O ensino baseado na memorização aos poucos dava lugar ao conhecimento construído por meio de debates, levando em consideração a realidade social vigente e as experiências do educando. É necessário destacar que mesmo com a nova proposta de ensino, não houve uma revolução no sentido colocar o aluno em foco, porquanto ainda hoje é um desafio promover essa autonomia do estudante.

Na Era Vargas, a influência dos Estados Unidos não foi alterada, tendo em vista que o ensino de História ainda tinha como referência os modelos de vida e cultura norte-americanos, que eram sinônimos de progresso. No final da Segunda Guerra Mundial, essa influência tornou-se ainda maior em virtude da redução do contato do Brasil com os países europeus.

Com a Ditadura Militar, implantada em 1964, houve a perda parcial da autonomia da disciplina de História, que passou a se relacionar com a Geografia, recebendo a denominação de Estudos Sociais. A desarticulação da disciplina ocorreu principalmente com o intuito de retirar um de seus aspectos mais importantes: a construção de um pensamento crítico. Segundo Magalhães Junior e Lima (2007, p. 09), “a disciplina mencionada ficou sendo vista como uma mera transmissora de acontecimentos, cronologicamente organizados e hierarquicamente submetidos a um “policiamento” (grifo do autor) ideológico, privando aqueles que se dedicavam à análise das ações humanas”.



No início do período de redemocratização política no Brasil, várias correntes teóricas foram surgindo e ganhando espaço, como a Micro-História, História Nova e outras correntes que se tornaram muito significativas para uma nova forma de se ensinar a disciplina. O aparecimento dessas novas teorias da História proporcionou maior flexibilização da pesquisa, pois as fontes já não mais se restringiam apenas a documentos escritos. O próprio leque de objetos de estudos e investigação se ampliava, possibilitando uma História menos focada nos heróis nacionais, e sim no povo, no seu cotidiano e nas suas tradições, essenciais para o processo de ensino/aprendizagem.

### 2.1.2. Construindo identidades

Conhecer as ideias que giram em torno da noção de identidade são de demasiada importância para se compreender a relação de identificação do povo tianguaense com a cultura da tanajura. É em virtude do tema central desta pesquisa que nesta seção se busca explorar o conceito de identidade e o que este pode provocar quando é trabalhado em sala de aula, sobretudo na disciplina de História

A História possui objetivos específicos, e dentre eles está a definição de *Flávio Droga* sobre identidade, “conjunto vivo de relações sociais patrimoniais e simbólicas historicamente compartilhadas que estabelece a comunhão de determinados valores entre os membros da sociedade”.<sup>5</sup> Dessa forma, é necessário que o ensino de História estabeleça relações com identidades individuais, coletivas, sociais, nacionais, entre outras.

Essa noção de identidade construída no indivíduo por meio do ensino de História lhe possibilita compreender as relações que existem dentro de sua comunidade e, por conseguinte, sentir-se pertencente à comunidade. Esse sentimento de pertencimento leva o estudante a preservar a cultura de seus antepassados e, em consequência, cuidar melhor do meio onde vive.

---

<sup>5</sup> DROGA, Romualdo Flávio. **A memória como direito fundamental do homem**. Disponível em: < [www.advogado.adv.br](http://www.advogado.adv.br) > Acesso em: 29 de junho de 2012.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental* (1997) veem na inclusão do estudo da identidade o desenvolvimento da capacidade do estudante em se situar em um contexto social mais amplo. Defendem também

[...] a inclusão da constituição da identidade social nas propostas educacionais para o ensino de História necessita de um tratamento capaz de situar a relação entre o particular e o geral, quer se trate do indivíduo, sua ação e seu papel na sua localidade e cultura, quer se trate das relações entre a localidade específica, a sociedade nacional e o mundo (BRASIL, 1997, p. 26).

Além do mais, a construção de identidades permite que o aluno perceba a sua cultura em um universo de culturas diferentes. Isso possibilita que o aluno respeite outras culturas, principalmente, porque ele reflete sobre a sua atuação como indivíduo pertencente a um grupo na sociedade por meio do confronto com outros grupos, como podemos perceber no trecho extraído dos Parâmetros Curriculares: “o conhecimento do outro possibilita, especialmente, aumentar o conhecimento do estudante sobre si mesmo, à medida que conhece outras formas de viver, as diferenças históricas vividas pelas diversas culturas [...]” (BRASIL, 1997, p. 27).

Trabalhar com o aspecto identidade envolve ainda a construção de noções de continuidade e permanência, que são muito presentes no estudo da História, como confirma *Nascimento* em um trecho de seu artigo intitulado *História, Patrimônio e Educação Escolar: diálogos e perspectivas*: “as práticas, ações, manifestações e saberes culturais, constituem-se bens de caráter patrimonial, capazes de fornecer sentidos à vida prática e criar identidades culturais a partir de suas permanências e continuidades históricas”.<sup>6</sup>

Essas noções de continuidade e permanências são partes fundamentais no ensino da História e proporcionam uma visão mais panorâmica no campo da Educação Patrimonial, principalmente no contexto do ensino de História Local, pois é uma oportunidade de se explorar de forma expressiva a capacidade do aluno de historicizar o conhecimento. Ao relacionar o objeto de estudo à vivência cotidiana, o educando se torna ator no processo de

---

<sup>6</sup> NASCIMENTO, Evandro Carlos do. **História, Patrimônio e Educação Escolar**: diálogos e perspectivas. Disponível em: <[www.educadores.diaadia.pr.gov.br](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br)>. Acesso em: 04 de julho de 2013.

ensino/aprendizagem, facilitando, desse modo, a sua participação e tornando o conhecimento algo significativo para ele.

## 2.2. A História Local como proposta de ensino

A História Local é uma vertente da História que se dedica ao estudo do local, com a finalidade de compreender melhor as transformações e permanências que ocorrem no plano geral. Geraldo Baldoíno Horn (*apud* NOGUEIRA)<sup>7</sup> entende a História Local como “aquela que desenvolve análises de pequenos e médios municípios, ou áreas limitadas e não muito extensas”.

O ensino de História Local surgiu em meados dos anos 80, proporcionando novas perspectivas para a disciplina de História, pois possibilitou trazer para a sala de aula uma relação de aproximação do estudante para com o espaço que estava inserido. Rompendo com a História Tradicional, essa nova abordagem conduziu as pessoas comuns ao centro dos debates históricos e estreitou o vínculo do aluno com o seu objeto de estudo.

Outra novidade proporcionada pelo estudo de História Local é que nele o educando não encontra os assuntos prontos e acabados, como ocorre no caso da História Tradicional, mas é incitado a investigar. Isso se dá porque a execução do processo de ensino/aprendizagem nessa área é construída principalmente pelo próprio aluno, pois se pressupõe o educando como parte integrante da comunidade estudada, ninguém melhor do que ele para levar suas experiências para o ambiente escolar.

É importante para a formação dos alunos que o professor crie meios para que estes desenvolvam atitudes de autonomia em relação aos objetos estudados, incentivando a pesquisa e a elaboração de questionamentos, como está descrito nos Parâmetros Curriculares:

---

<sup>7</sup> NOGUEIRA, Natania. **História Local e Memória**: conhecer e pertencer. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net>>. Acesso em: 02 de julho de 2014.

Nesse sentido o professor deve considerar, cotidianamente, a participação dos alunos nas decisões nos encaminhamentos dos alunos nas diferentes atividades, lembrando, contudo, que, inicialmente, é ele, como educador, quem define o tema de estudo, quem aponta as questões a serem investigadas, quem orienta e sugere onde e o que pesquisar, quem propõe questões e aprofundamentos, quem aponta as contradições entre as ideias, as práticas e as obras humanas. Participando e opinando, aos poucos, os alunos aprenderão como proceder de modo autônomo no futuro (BRASIL, 1997, p. 54).

Além de ser uma atividade estimulante, sob o ponto de vista didático, estudar a História Local faz com que o aluno desenvolva um sentimento de pertencimento a sua comunidade, entendendo-a melhor, valorizando-a, além de passar a atribuir significado ao que está sendo estudado, como relata *Idelsuíte Lima* em trecho a seguir:

O ensino de História Local apresenta-se como um ponto de partida para a aprendizagem histórica, pela possibilidade de trabalhar com a realidade mais próxima das relações sociais que se estabelecem entre educador/educando/sociedade e o meio em que vivem e atuam. O local é o espaço primeiro de atuação do homem, por isso, o ensino de História Local precisa configurar também essa proposição de oportunizar a reflexão permanente acerca das ações dos que ali vivem como sujeitos históricos e cidadãos.<sup>8</sup>

Essa nova face da História, a História Local, permite que o aluno construa uma noção de cidadania desde as séries iniciais, noção esta que tem se ampliado nos últimos anos e perpassa pela reflexão do que é ser cidadão e o seu papel dentro da sociedade. Bittencourt (2009) pode explicar melhor sobre os efeitos da História Local, como veremos a seguir:

A associação entre cotidiano e história de vida dos alunos possibilita contextualizar essa vivência em uma vida em sociedade e articular a história individual a uma história coletiva. Uma articulação dessa natureza requer concepções de cotidiano que não se apresente como mera motivação para o estudo do passado, selecionando as experiências amorosas de rei e rainhas ou o dia a dia de pessoas comuns ou famosas pautadas por meras descrições curiosas e desligadas do contexto social da existência desses indivíduos (BITTENCOURT, 2009, p. 165).

---

<sup>8</sup> LIMA, Idelsuíte de Sousa. **A abordagem do ensino de História Local nos livros didáticos.** Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br>>. Acesso em 02 de julho de 2014.

O ensino de História Local exige do professor uma postura crítica em relação às concepções de discursos dominantes (europeu, branco, elitista etc.). O docente deve assumir uma posição dialética, possibilitando novas visões sobre o processo de aprendizagem da disciplina História, para que o educando possa refletir sobre a realidade em que se insere em diferentes aspectos: cultural, social, político, econômico, dentre outros.

A História Local pode simplesmente reproduzir a história do poder local e das classes dominantes, caso se limite a fazer os alunos conhecerem nomes de personagens políticos de outras épocas, destacando a vida e obra de antigos prefeitos e demais autoridades. Para evitar tais riscos, é preciso identificar o enfoque e a abordagem de uma história local que crie vínculos com a memória familiar, do trabalho, da migração, das festas... (BITTENCOURT, 2009, p. 169).

A consciência histórica, começa com a convivência familiar e progressivamente vai sendo ampliada a partir do contato do educando com a escola ainda nas séries iniciais. Aos poucos, o indivíduo constrói sua identidade e se identifica com o meio que o cerca. A construção de identidades é também papel da História Local, pois se acredita que uma vez que o aluno se identifica com o local em que reside, ele tende a buscar contribuir para seu desenvolvimento, sua valorização e sua preservação. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), os alunos devem “perceber-se integrante[s], dependente[s] e agente[s] transformador[es] do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente”.

A identidade histórica está bastante vinculada com a memória. Esta se impõe por ser a base daquela, pois é através da memória que se compreende a História Local, que “[...] atua no resgate da autoestima do povo de sua região, quando ao desnudar seu passado histórico, dá um novo sentido a questão de pertencimento local”<sup>9</sup>, como diz *Aldiceia Machado Pereira* em trecho contido no artigo *A importância da História Local para o ensino de História: um olhar para o município de Duque de Caxias*.

---

<sup>9</sup> PEREIRA, Aldiceia Machado. **A Importância da História Local para o ensino de História: um olhar para o município de Duque de Caxias**. Disponível em: <<http://pinba.files.wordpress.com>>. Acesso em 02 de julho de 2014.

### 2.3. História Local e memória

A globalização surgiu no século XX e desde então vem provocando transformações, em especial nos aspectos políticos e econômicos, que levam a uma interligação entre as várias partes do mundo. Em consequência, alguns efeitos da globalização já são visíveis pelo mundo. A excessiva virtualidade, a homogeneização dos comportamentos, manifestada principalmente nas formas de falar, de vestir, são reflexos do alcance da globalização em diversas sociedades. Esses efeitos tornam os seres humanos muito semelhantes, o que faz nos refletir onde se encontrariam as diversas identidades contidas nas diversas sociedades nesse processo.

Partindo do pressuposto que não se pode excluir o processo de globalização da vida dos indivíduos contemporâneos, acreditamos que o estudo da memória coletiva por meio da História Local é demasiadamente necessário à constituição da identidade e da historicidade dos sujeitos, tendo em vista que é a partir dela que o educando cria vínculos com a cultura do local em que é participante e leva-o a desenvolver respeito em relação à diversidade cultural. Respeitar a diversidade cultural leva o educando a respeitar a sua própria cultura individual, por conseguinte, sua identidade, afastando-se, aos poucos, dos efeitos homogêneos da globalização. *Kátia Montalvão* acredita que a História Local pode ser uma grande aliada para amenizar os efeitos homogêneos da globalização:

A referência à História Local aproxima-se da noção de cultura como terreno real, das representações, saberes, crenças, valores e costumes da sociedade histórica específica, que se transmite de geração em geração. Portanto, o estudo do lugar tem o papel essencial no ensino escolar, propicia a criação de um novo espaço aberto ao conhecimento de referências mais próximas do aluno que através de manifestações do cotidiano e de atividades que favoreçam o necessário respeito à formação de uma identidade sustentada na diversidade cultural, leva o educando a refletir sobre sua própria historicidade.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> MONTALVÃO, Kátia. **Recompondo memória e tecendo História**: a História Local revisitada na trajetória do fundador da cidade de Montalvânia. Disponível em: <<http://www.campus12.uneb.br>>. Acesso em 10 de julho de 2014.

A História Local possui um vínculo íntimo com a memória, que visa preservar aquilo que cada comunidade tem de mais idiossincrático, conservando suas tradições. Para Nora (*apud* MONTALVÃO), “a memória liga-se à lembrança das vivências por laços afetivos e de pertencimento”,<sup>11</sup> o que é justamente contemplado pela História Local, que consegue aproximar o aluno da História de sua comunidade. Isso faz com que o estudante possa, por meio do ensino da disciplina, visitar sua memória individual e relacioná-la à memória coletiva do espaço onde está incluso. Afinal, “a memória coletiva é constituída por lembranças do passado que transcendem a individualidade e são compartilhadas socialmente no domínio da vida comum”,<sup>12</sup> como escreve Kátia Montalvão.

Contudo, é preciso que o professor tenha consciência de que a memória também pode ser um instrumento de dominação, dependendo de como seja manipulada, como retifica Montalvão:

No espaço da sala de aula, é possível o professor de história fazer emergir o plural, a memória daqueles que tradicionalmente não tem direito à história, unindo os fios do presente e do passado num processo ativo de desalienação. Mas também pode, inconsciente ou deliberadamente, operar o contrário, apenas perpetuando mitos e estereótipos da memória dominante.<sup>13</sup>

O estudo da História deve caminhar em sentido oposto a posições estereotipadas, deve desenvolver no educando consciência histórica a respeito do que está sendo estudado. Em caso contrário, ocorrerá meramente transmissão de conhecimento, alimentando sujeitos passivos e alienados. Ademais, é fundamental destacar que o não envolvimento da escola em preservar a memória local implica no fortalecimento da cultura do presentismo, que faz paulatinamente o indivíduo romper com o passado de seu povo e, conseqüentemente, com o seu, perdendo, dessa forma, aspectos essenciais de sua identidade.

---

<sup>11</sup> *Ibid.*

<sup>12</sup> *Ibid.*

<sup>13</sup> *Ibid.*

## 2.4. Educação Patrimonial e Patrimônio Imaterial

### 2.4.1. A importância da Educação Patrimonial

Cada vez mais podemos identificar na sociedade hábitos ligados à cultura do “presentismo” (valorização excessiva do hoje), em que, conseqüentemente, grande parte das pessoas pouco se importa ou não reflete sobre a importância de seu próprio passado ou do passado de sua comunidade. Isso pode gerar nas pessoas perda de identidade e ausência de identificação com o meio no qual estão inseridas. Pois “é impossível compreender seu tempo para quem ignora todo o passado; ser uma pessoa contemporânea é também ter consciência das heranças consentidas e contestadas” (BITTENCOURT, 2009, p. 155).

A Educação Patrimonial, então, tem papel fundamental para o combate do presentismo, pois seu intuito é educar os alunos para valorizarem os bens antigos. Em outras palavras, é uma forma de os educandos compreenderem o valor dos bens selecionados como Patrimônio por um determinado grupo, desenvolvendo neles a responsabilidade em relação à preservação de sua cultura. Além do mais, a Educação Patrimonial possibilita a reflexão e compreensão do bem selecionado e sua História, o que dá sentido à escolha daquele bem como representação de uma sociedade.

A aplicação da Educação Patrimonial nas aulas de História se dá pela necessidade de auxiliar o aluno no fortalecimento da afinidade com a herança cultural de seu povo. Estabelece-se, dessa forma, um elo de responsabilidade e valorização do educando em relação ao bem estudado. Além do mais, nesse processo o aluno compreende, aos poucos, o porquê da identificação da comunidade com o patrimônio, de modo a desenvolver um sentimento de pertencimento à sociedade na qual está inserido e a auxiliar na preservação da cultura. *Henry Silva*, a seguir, diz-nos muito bem sobre a necessidade do Patrimônio Cultural:

Para o aluno, aprender a reconhecer o Patrimônio Cultural de sua comunidade pode ser a oportunidade de um entendimento distinto do mundo que o cerca, além da possibilidade de criação de laços íntimos com o espaço, na tentativa de se evitar a depredação de bens e



locais públicos, bem como pensar a importância destes para a paisagem urbana e o espaço comum de convivência.<sup>14</sup>

A relação de proximidade que a Educação Patrimonial possibilita ao educando com o bem proporciona a construção de um significado ao que está sendo estudado. Mais que isso, ele passa a atribuir um sentido às práticas culturais vivenciadas no meio no qual está inserido.

Durante anos, a Educação Patrimonial inserida no ensino de História se restringiu ao estudo de bens culturais associados a segmentos dominantes da sociedade brasileira, ignorando, por sua vez, as contribuições oferecidas pelos diversos povos que juntos somaram no processo de construção da identidade nacional. Dessa forma, preferencialmente, eram utilizados como objeto de estudo os lugares de memórias<sup>15</sup> que lembravam a cultura e história ligadas a um passado vitorioso. *Pelegri* (2009) ressalta que

as políticas preservacionistas nos países ocidentais tendem, em geral, a se pautarem por concepções históricas apenas como visões do passado e pela construção de símbolos de identidade que expressam suas versões vitoriosas. Logo, o êxito ou não das políticas públicas de preservação parecem diretamente relacionados à própria história que se pretende perpetuar (PELEGRINI, 2009, p. 86).

Um exemplo relevante disso é o tombamento de bens históricos. Os bens privilegiados, em sua maioria, eram patrimônios materiais relacionados à cultura europeia, branca e rica economicamente. É necessário, entretanto, que saibamos que os objetos tombados são resultados de uma seleção feita por um determinado grupo, pois “os bens culturais não valem por si mesmo, não tem um valor intrínseco. O valor lhes é sempre atribuído por sujeitos particulares e em função de determinados critérios e interesses historicamente condicionados” (LONDRES 2000 *apud* MOURA, C; PINHEIRO, A; SOUZA, F. M. C, 2012, p. 87).

Desde a década de 80 do século passado, os profissionais da área de História defendem a *multiculturalidade* na Educação Patrimonial, uma

---

<sup>14</sup> SILVA, Henry Marcelo Martins da. **O ensino de História e Patrimônio Cultural: educação para a cidadania.** Disponível em: <[www.funecsantafe.edu.br](http://www.funecsantafe.edu.br)>. Acesso em 02 de julho de 2014.

<sup>15</sup> Expressão criada por Pierre Nora

educação em que as diversas etnias, africanas, indígenas e europeias, sejam evidenciadas e tratadas com igualdade. Porém, é de conhecimento de muitos que as culturas africana e indígena possuem poucos bens de caráter material em relação à européia. Faz-se necessário, então, ampliar a noção de Patrimônio existente até então.

Em virtude disso, a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 216, passou a designar patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial:

Os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I- as formas de expressão;
- II- os modos de criar fazer e viver;
- III- as criações científicas, artísticas e tecnológicas às manifestações artístico-culturais;
- IV- os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Com a ampliação da visão de patrimônio pela Constituição Federal de 1988, foi possível democratizar tanto os bens tombados, quanto a própria Educação Patrimonial, que passou a desenvolver novos olhares sobre os bens culturais e, conseqüentemente, sobre os povos a que está relacionada. Contudo, não podemos confundir o tombamento desses bens com a ideia de imutabilidade, pois a conservação da memória de um determinado povo não precisa estar engessada para ser protegida, pelo contrário, necessita de processos inversos de permanência e recriação em diversos planos, tendo em vista que as sociedades que lidarão com essa memória possuem visões diversas.

#### 2.4.2. O Patrimônio Imaterial entra em foco

Entendendo a importância da preservação patrimonial, sobretudo dos bens imateriais que normalmente possuem menos visibilidade, é que o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), por meio do Decreto nº 5.753; 2006, estabeleceu

medidas que visam garantir a visibilidade do patrimônio cultural imaterial, tais como a identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a proteção, a valorização, a transmissão – essencialmente por meio da educação formal e não formal – e revitalização deste patrimônio em seus diversos aspectos.

A partir desta perspectiva legislativa, a educação formal e não formal tornam-se igualmente responsáveis pela preservação do patrimônio cultural brasileiro, considerando a importância que a educação escolar tem no processo de transmissão da cultura tradicional. Mas será que, de fato, a escola tem cumprido seu papel em relação à preservação da cultura de seus educandos? Até que ponto ela tem levado em consideração o meio no qual o estudante está inserido, seus costumes e as tradições de sua comunidade?

A preocupação de compreender e conservar as culturas das classes populares tem feito os historiadores e professores de História atuar no campo da Educação Patrimonial: “essas preocupações originam-se da necessidade de refletir sobre o que tem sido constituído como memória social, como patrimônio da sociedade, e indagar se o resgate da memória de todos os setores e classes sociais se tem efetivado” (BITTENCOUT, 2009. p. 277), não somente a das classes dominantes. “O patrimônio cultural em seu aspecto histórico sempre esteve ligado ao processo de formação de identidade, neste contexto ele surge como instrumento de representação da memória, sujeitos a interpretações no tempo e no espaço [...]” (BITTENCOUT, 2009, p. 277).

Até a década de 1970, o conceito que se tinha de patrimônio era voltado às categorias materiais, que definem patrimônio como um conjunto de bens naturais e arquitetônicos. Porém, atualmente já podemos identificar uma visão mais ampla de patrimônio, inclusive como conjunto de bens imateriais. O IPHAN, por meio do decreto nº 5.753 de 12 de abril de 2006, define Patrimônio Imaterial os seguintes elementos:

práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

No contexto da sala de aula, o estudo do Patrimônio Imaterial atua como forma de identificação cultural e apropriação do patrimônio histórico,

promovendo a identificação e a preservação do aluno em relação ao bem estudado. Além disso, o estudo faz com que o educando formule interpretações sobre si mesmo, seus costumes e a sua sociedade. O autor Evandro Cardoso do Nascimento, em seu artigo *História, Patrimônio e Educação Escolar: diálogos e perspectivas*, afirma que:

Os alunos tendem a se identificar com a história, quando os fatos se aproximam deles. O trabalho com fontes históricas patrimoniais aguçam suas percepções com relação às referências culturais, no contexto de sua comunidade; a aproximação destes alunos a “lugares históricos” e suas referências culturais possibilita a valorização do patrimônio histórico e o reconhecimento do mesmo enquanto significativo na formação de uma identidade local.<sup>16</sup>

Segundo Sant’Anna (2003, p. 49), foi só após a Segunda Guerra Mundial que “processos e práticas culturais começaram, lentamente, a ser vistos como bens patrimoniais em si, sem necessidade da mediação de objetos”. Essa nova prática, segundo a autora, não é oriunda do pensamento ocidental, mas está atrelada às noções de bens culturais dos países asiáticos, cujo patrimônio é constituído, em sua maioria, de criações populares de anônimos. Criações estas que não revelam importância pela sua materialidade, mas por serem expressões de práticas e processos culturais, que se relacionam ao contato com o meio ambiente. Ainda segundo Sant’anna:

No mundo oriental, os objetos jamais foram vistos como os principais depositários da tradição cultural. Nesses países, em suma, mais relevante do que conservar um objeto como testemunho de um processo histórico e cultural passado, é preservar e transmitir tradição saber que o produz, permitindo a vivência da tradição no presente. De acordo com essa concepção, as pessoas que detêm o conhecimento, preservam e transmitem as tradições, tornando-se mais importantes do que as coisas que as corporificam (SANT’ANNA, 2003, p. 49).

No Brasil, já em meados de 1930, a ideia de patrimônio não mais se restringia a prédios, obras de arte eruditas, entre outros, mas também estava presente na essência do povo, como expôs o poeta *Mário de Andrade* ao elaborar em 1936 um projeto para o Serviço do Patrimônio Artístico Nacional, mas, infelizmente, não foi consolidado.

---

<sup>16</sup> NASCIMENTO, Evandro Carlos do. **História, Patrimônio e Educação Escolar**: diálogos e perspectivas. Disponível em: <[www.educadores.diaadia.pr.gov.br](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br)>. Acesso em 04 de julho de 2013.

Somente no ano 2000, com o DECRETO 3.551 de 04 de agosto, é que o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial cria o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Esse programa determina que o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial seja composto de quatro livros: I – Livro de registros de saberes; II – Livro de registro das celebrações; III – Livro de registro das formas de expressão e IV – Livro de registro dos lugares.

Contudo, além do reconhecimento e da normatização do patrimônio imaterial, é necessário uma mudança procedimental, com a finalidade de permitir que a sociedade participe do processo de construção e apropriação de seu patrimônio cultural. Uma das formas para que isso ocorra é fazer com que as escolas viabilizem espaços para a discussão de tais bens e que essa proposta não se limite a comunidade escolar, mas se estenda, principalmente, a comunidade na qual a escola se insere.

Os bens intangíveis “[...] são dotados de uma dinâmica de desenvolvimento e transformação [...] sendo mais importante, nesses casos, registro e documentação do que intervenção, restauração e conservação” (SANT’ANNA, 2003. p. 52) e a Educação Patrimonial, inserida na disciplina de História, pode conduzir o aluno a estar participando da documentação do patrimônio imaterial de sua comunidade. Dessa forma, o educando está, paralelamente, contribuindo para a conservação da memória local e construindo laços de identificação com a mesma.

Nessa perspectiva, é necessário trabalhar com o bem intangível de forma que o aluno seja protagonista de pesquisas e discussões mediadas pelos professores. Se o aluno for manipulado de forma acrítica, o Patrimônio Imaterial não passará de mais um conteúdo repassado de forma mecânica para o aluno e pouco influenciará em sua vida prática. Essa manipulação acrítica gera a perda do real sentido do ensino da História, que é formar cidadãos críticos capazes de desenvolver reflexões sobre os diversos acontecimentos sociais e de interferir positivamente na realidade que o cerca.

### **3 TIANGUÁ E A CULTURA DA TANAJURA**

A cidade de Tianguá, localizada na Serra da Ibiapaba, região Norte do Ceará, possui uma ligação muito forte com a cultura da tanajura, em especial com seu consumo. Lá a formiga é um símbolo da cidade, bem como a flor do maracujá e a flor do ipê. Várias são as explicações para se comer tal inseto, mas é consensual que o costume remonta do tempo em que a região era habitada principalmente por povos de nação Tabajara.

Atualmente podemos identificar a forte presença da tanajura como símbolo da cidade em diversas manifestações, dentre elas: músicas, cordéis, livros infantis, danças, blocos de carnaval, enfatizando a empatia que o tianguaense possui com a famosa formiga. A aproximação com tal cultura deu origem a uma solicitação de tombamento da tanajura como Patrimônio Imaterial junto a Câmara Municipal de Tianguá, por parte do escriturário e escritor João Bosco Gaspar. Hoje o processo está estagnado, porém no cotidiano do lugar é notório a apropriação da cultura da tanajura por seus moradores.

O segundo capítulo traz como objetivo principal o entendimento das práticas culturais existentes na cidade de Tianguá a respeito da tanajura. O seu intuito é tornar compreensível a relação dos habitantes da cidade com o elemento cultural em questão, a tanajura, abordando as mais diversas formas de manifestações expressas pelos tianguaenses entorno de tal símbolo, fazendo o leitor perceber o porquê de seu uso no aspecto educacional.

Inicialmente será abordado a história da cidade que possibilitará uma compreensão parcial do lugar. Em seguida, será possível perceber indícios do consumo da tanajura ainda no período colonial do Brasil e, aos poucos, ela

será tratada de forma mais específica no contexto tianguaense à luz dos aspectos culturais, sociais e até educacionais.

### 3.1. Conhecendo Tianguá

As terras pertencentes à Tianguá, inicialmente designadas *Mocozal*, eram habitadas pelos índios Tabajaras, povo que até hoje influencia a realidade local através de alguns remanescentes de sua cultura. Depois da denominação atribuída por seus primeiros habitantes, o lugar passou a se chamar *Barrocão* – neste período, a localidade era distrito de Vila Viçosa Real, que estava sob a jurisdição de Pernambuco. Tianguá recebeu as seguintes denominações: Mocozal e Barrocão, que significa lugar de muitos aclives. Só bem depois, em 1890, que a cidade passou a ser chamada pelo nome que a conhecemos hoje, Tianguá, que significa gancho de agarrar.

O local foi colonizado no século XVIII por um fazendeiro português chamado João Batista, que residia na Vila Viçosa Real da América e era tabelião ou procurador de todas as terras da Ibiapaba, conforme os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística):

João Batista e sua esposa D. Isabel Francisca de Jesus, foram os primeiros habitantes, registrando-se no ano 1796, com uma faixa de uma légua de terras no qual edificou-se a cidade de Tianguá. Deste casal nasceu Bonifácio Batista Leal, herdando a maior parte das terras. Dele nasceram seu filhos que provaram do lugar que deram o nome de Chapadinha.<sup>17</sup>

As terras foram registradas em nome de João Batista e, em consequência, seus filhos herdaram-nas. João Batista Leal, um dos filhos do colonizador, considerado um dos primeiros habitantes de origem não indígena a residir no lugar, mandou construir uma capela na localidade, que na época possuía cerca de seis mil e quatrocentos habitantes. O povoamento do local, como é comum a história de inúmeras cidades, ocorreu em torno da pequena

---

<sup>17</sup> BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br>>. Acesso em 07 de Outubro de 2014.

capela, que ganhou uma imagem de Nossa Senhora S'antanna vinda de Portugal. Ela passou a ser a padroeira do lugar e se mantém ainda hoje, segundo dados históricos do IBGE:

A história religiosa de Tianguá iniciou em 1855, quando João Batista Leal comprou as terras da localidade Sítio Barroco. Passados alguns dias, sua primeira preocupação foi com a construção de uma capela, se tratava de um salão com paredes de barro, coberto de palha de babaçu. Nele colocou um nicho com a imagem de Sant' Ana sua protetora.<sup>18</sup>

O município, como sede administrativa de uma determinada localidade, foi criado em 1890, quando era administrado por Vila Viçosa Real. Somente em 1938 foi elevado a condição de cidade, fundada pelo Coronel Manoel Francisco de Aguiar.

Cidade localizada na Serra da Ibiapaba, região Norte do Ceará, a aproximadamente trezentos quilômetros da capital, Tianguá possui atualmente cerca de setenta mil habitantes. É uma cidade movida pelo comércio, turismo e agricultura de hortaliças e frutas, entre elas o maracajá, outro símbolo da região.

A cidade possui uma memória ampla no que se refere ao imaginário popular, envolvido por tradições, costumes e lendas que até hoje, apesar da globalização e da conseqüente influência de hábitos externos, são vivos na imaginação do seu povo, que segue contando e recontado o que aprendeu com seus antepassados.

### **3.2. A tanajura no Brasil**

Segundo Klaus Jaffé; Terezinha Della Lucia e Evaldo Ferreira Vilela (1987), a tanajura ou içá é uma espécie de formiga com abdômen avantajado que possui, bem como as abelhas e vespas, uma organização social, em que são divididas em castas de operárias e castas de reprodutores (machos e rainhas). Todas as operárias são fêmeas estéreis e não possuem asas, já as rainhas são grandes, maiores formigas da colônia e possuem a responsabilidade da postura dos ovos. Os machos, por sua vez, são alados e

---

<sup>18</sup> *Ibid.*



menores que as rainhas. Suas vidas são precoces e tem como função principal a reprodução.

Normalmente, as tanajuras são encontradas em períodos específicos do ano, principalmente em épocas chuvosas. Quando caem as primeiras chuvas, o chão se encharca e diversos insetos saem de suas colônias para acasalarem. Foi exatamente em uma ocasião semelhante que o Padre José de Anchieta presenciou os nativos colhendo aos saltos 'frutos' (grifo do autor) que vinham do céu, o que chamou a atenção demasiada do religioso que nunca antes havia presenciado tal cena, como Laredo (2008) nos descreve mais detalhadamente:

[...] em determinada época do ano, os nativos ficavam ansiosos para colher, aos saltos, 'frutos' (grifos do autor) que vinham do céu. Corriam alegres e enchiam vasos e mais vasos desse alimento que, torrado como amendoim, provocava verdadeiro deleite em toda a tribo e até nos homens brancos que o provavam. Os 'frutos' que na verdade eram formigas de abdômen avantajado, conhecidas por muitos como tanajuras ou içás.<sup>19</sup>

O ritual de caçar tanajura em determinados períodos do ano ainda continua a ser cultivado por determinados povos, há, inclusive, restaurantes e bares que servem a formiga como iguaria. O restaurante *Ocílio Ferraz* em Silveiras, região do Vale do Paraíba, a pouco mais de duzentos quilômetros de São Paulo (ALEMÃO, 2013) A Serra da Ibiapaba também é um espaço de apreciação da culinária nativa. A culinária local, representada pelas tanajuras, está presente nas feiras livres, nas geladeiras dos moradores e chega até a ser estocada por estabelecimentos comerciais para datas comemorativas, como o carnaval, período em que ela ficam bastante valorizadas, repercutindo com isso em seu valor econômico.

Em Tianguá, no Bardega do Didi (localizado no cruzamento entre as ruas Poeta Lauro Menezes e Doze de Agosto nº 915, que tem como proprietário o professor e pesquisador Amauri Pinto de Carvalho), a tanajura tem um espaço de extrema valorização, pois não é considerada apenas como elemento lucrativo, sendo também cultivada como patrimônio da cidade, lá são

---

<sup>19</sup>LAREDO, Gustavo. **Aperitivo de formiga.** Disponível em: <<http://revistagloborural.globo.com>>. Acesso em 22 de outubro de 2014.

expostos; cordéis, músicas, receitas, lendas entre outros que tem como protagonista a famosa formiga.

### **3.3. A tanajura em Tianguá**

#### **3.3.1. A tanajura no aspecto cultural**

A tanajura é um elemento cultural pertencente ao município de Tianguá, como vimos acima. No local, o inseto não é apenas, como em outras cidades, um elemento exótico da culinária local, mas se constitui no imaginário popular como uma tradição herdada de seus ancestrais, os povos tabajaras que habitavam a região e passaram a ser subjugados pelos portugueses no limiar do século XVII até terem sua nação dizimada ao longo dos anos.

A história da formiga é contada e recontada pelos moradores da cidade, e com o passar do tempo várias lendas surgiram em torno do hábito de comer tanajura. Segundo o escritor tianguaense João Bosco Gaspar (2012), a tradição de comer o inseto na região surgiu no Período Colonial, quando os lusitanos, preocupados com a perda da plantação em virtude da grande quantidade de formigas na região,

Afirmavam os portugueses  
Com a maior cara-de-pau  
Que as mesmas tanajuras  
No distante Portugal  
Era comida saborosa  
Ficavam logo cheirosas  
Quando torradas no sal.  
[...]

E quem comesse tanajura  
Não passaria pela morte  
Voava para o infinito  
Como um guerreiro forte  
Nos índios passaram a perna  
Pois a tal vida eterna  
Era a desejada sorte (GASPAR, 2012, p. 102).

Podemos identificar no trecho do cordel uma forma de expressão da cultura popular enraizada no meio rural, sendo produto, neste caso, não só da

cultura indígena, mas de uma relação entre europeu e nativo, ligado respectivamente por laço econômico e por influência religiosa.

A escritora Vânia Maria Nogueira de Vasconcelos em seu livro *A lenda da tanajura* (2011), também atribui uma origem religiosa ao costume de se comer tanajura: “conta a lenda que os índios tabajaras acreditavam que as tanajuras eram criaturas vindas do céu para abençoar a terra. Quem as comesse, ganharia asas depois da morte e voaria para junto do deus Tupã” (VASCONCELOS, 2011, p. 3).

No entanto, é comum entre muitos moradores, segundo a informação de Vânia Vasconcelos em entrevista concedida<sup>20</sup>, a ideia de que a degustação da tanajura entre os habitantes do local se iniciou num período de seca, onde a falta de alimento levou muitos a consumirem o inseto, que, inclusive, possui uma grande base proteica.

Entende-se que as várias interpretações do costume são produto das resignificações elaboradas ao longo dos anos pela cultura popular. São essas novas interpretações que permitem que os costumes permaneçam vivos e sejam mantidos pelas gerações posteriores sendo adequados ao contexto sociocultural vigente.

Os trabalhos que insistem em ver as manifestações de cultura popular como sobrevivência do passado no presente, como práticas isoladas, cristalizadas, imutáveis.

Este tipo de enfoque é que pode ser considerado anacrônico, “atrasado”, pois desconhece estudos que veem as práticas culturais populares da mesma maneira que qualquer manifestação de cultura, como parte de um contexto sociocultural historicamente determinado. Este contexto as explica, torna possível sua existência e, ao se modificar, faz com que também aquelas práticas culturais se transformem (AYALA, 2006, p. 9).

Vários são os espaços e meios dedicados à perpetuação da cultura da Tanajura em Tianguá; ela é manifesta por meio de música, cordel, dança, bloco de carnaval (Tanajuras da Serra). Na Bardega do Didi, bar cultural da cidade, a tanajura tem lugar de destaque, pois o proprietário Amauri Pinto de Carvalho, que também é pesquisador do inseto como elemento cultural, faz questão de evidenciar a cultura local em seu espaço. Lá são expostos cordéis,

---

<sup>20</sup> VASCONCELOS, Vânia Maria de. **A Cultura da Tanajura em Tianguá**. Residência da entrevistada. 17 de outubro de 2014. Entrevista Oral.

poesias e músicas sobre a famigerada formiga, além de ser estocada para ser utilizada como tira-gosto no decorrer do ano.

O Bardega do Didi é um espaço que transita entre a função de bar e bodega<sup>21</sup>, que se tornou um ponto de encontro para aqueles que admiram a cultura tianguaense e também para os que trabalham no processo de produção da cultura regional, a exemplo de poetas locais, professores, pesquisadores, músicos, cordelistas. O espaço tem inspirado até cordelistas de outras regiões, como é o caso de *Luiz Carlos Rolim de Castro*, mais conhecido pela alcunha de *Lucarocas*. O seu cordel *O Bardega do Didi na querida Tianguá* (2008) expõe o seu sentimento em relação ao espaço que já lhe parece familiar:

Eu fui encontrar cultura  
No canto de uma cidade  
Vi arte e literatura  
Transformada em amizade  
E através de um colega  
Eu encontrei o Bardega  
Pra minha felicidade.

Depois de tomar com mel  
A pinga medicinal  
Resolvi por em cordel  
Imagens desse local  
Fazendo aqui dessa história  
Um registro da memória  
Do espaço cultural.<sup>22</sup>

O espaço cultural é visto por muitos como um ponto de encontro com os amigos e conhecidos, e é a partir desses encontros que muito se é produzido e apresentado em relação à cultura local. Há um evento, por exemplo, que é realizado no Bardega do Didi em parceria com o Grupo de Estudos e Valorização da Cultura Regional (GRECULT), conhecido como *Noitada Cultural*. Nesse evento são apresentadas danças típicas do município, como *Drama*, dança de São Gonçalo; capoeira; quadrilha; apresentações musicais com a presença de sanfoneiros; peças teatrais etc. Existe também o grupo

---

<sup>21</sup> Taberna, armazém de secos e molhados. Atualmente é um termo utilizado para se referir a algo que não se sabe ou não se lembra o verdadeiro nome. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br>>. Acesso em 21 de julho de 2011.

<sup>22</sup> CASTRO, Luiz Carlos Rolim de. **O Bardega do Didi na querida Tianguá**. [Folheto de Cordel] / Lucarocas. Fortaleza, 2008.

*Tembiú*, um grupo de ação e pesquisa da cidade de Fortaleza criado em 2004, que tem “o objetivo é promover a cultura, com suas expressões e manifestações, onde os atores envolvidos sejam valorizados e o povo se sinta parte como membro dessa cultura-história, numa cadeia da promoção humana”.<sup>23</sup>

Neste ano, a formiga tanajura ganhou versão em audiovisual dirigida por George Alex Barbosa. O *Voo Nupcial* “[...] é um curta de animação **3D que conta como o ciclo da tanajura** acontece e como ela se acasala, mostra também o mais antigo costume dos habitantes da serra da Ibiapaba, que é a caça dessas formigas, para em seguida comê-las.”<sup>24</sup> A animação foi selecionada no **VII Edital Ceará de Cinema e Vídeo** e conta com apoio da **Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (SECULT)**.

Em todos os elementos citados, podemos observar a ênfase da cultura da tanajura na cidade de Tianguá e o quanto seus habitantes atribuem significado ao objeto por meio das mais diversas manifestações culturais.

### 3.3.2. O processo de espera, captura, celebração e degustação

No início do período chuvoso, logo nas duas ou três primeiras chuvas, acontece um fenômeno bastante esperado pelos moradores da cidade de Tianguá, que é saída das tanajuras dos formigueiros para acasalarem. Esse acontecimento ocorre quando a terra fica umedecida pela água da chuva e em seguida o tempo fica ensolarado.

Nesse contexto, crianças, jovens e adultos saem às ruas com garrafas e latas nas mãos; botas ou mesmo sacos improvisados nos pés à procura do petisco mais esperado durante todo o ano. Os moradores também não deixam de vestir calça, esta vestimenta especial tem uma razão de ser usada: não ser atacado pelos ferrões da formiga, que causam dor e até sangramento.

---

<sup>23</sup> TEMBIÚ. Noitada Cultural de Artes Integradas acontece em Tianguá/ CE. Disponível em: <http://www.oktiva.net/oktiva.net/1209/nota/159857>. Acesso em 25 de Outubro de 2014.

<sup>24</sup> “TIANGUÁ EM FOCO. Dois filmes tianguaenses serão lançados hoje: um curta-metragem e outro em animação 3D”. Disponível em: <<http://tianguaemfoco.blogspot.com.br>>. Acesso em 24 de Outubro de 2014.

Entretanto, esse evento anual (a caça da tanajura) é estranho para as pessoas que passam por Tianguá no período, como foi o caso da professora do curso de Nutrição da Universidade Estadual do Ceará (UECE) Maria Lúcia Barreto de Sá, que relatou:

Trafegando por rodovias que cruzam os municípios de São Bendito, Ubajara e Tianguá, região cearense chamada de Serra Grande ou Ibiapaba, deparei-me com algo inusitado. Mulheres, homens, jovens e crianças correndo no mato, de um lado para o outro, olhando ora para a terra, ora para os ares. Meus olhos seguiam o mesmo movimento, tentando entender o que estava acontecendo. Uma brincadeira? Uma disputa? Uma coleta? O que seria?

Nas mãos, garrafas pet, baldes e latas, cujo conteúdo escuro eu não conseguia distinguir bem. Fiquei assistindo, por um bom tempo, aquilo que parecia ser uma atividade divertida para quem a praticava... enquanto pensava na estranha interação entre homem e natureza que observava. A convivência, o movimento, gritos e risadas, cheias de códigos entendidos por quem participava e não entendidos pelos de fora.

Ao aproximar-me, percebi que eram formigas voadoras, tanajuras negras e gordas. Indaguei para que serviam. Responderam que era pra comer e pra vender. Quando criança, tinha visto tanajuras no sertão, mas não tinha conhecimento de que podiam ser comidas.<sup>25</sup>

O professor e pesquisador Amauri Pinto de Carvalho afirma em entrevista que esse costume aguça a curiosidade de quem passa pela cidade: “[...] as pessoas passam pela BR-222 e sentem o cheiro de tanajura, veem as pessoas pegando tanajura e até param e perguntam: – o que é isso? – A gente tá pegando tanajura”.<sup>26</sup>

Apesar de o hábito de caçar tanajura ser mais comum na zona rural, ele não é deixado de lado no meio urbano. “A maior ‘produção’ ocorre na BR-222, no sentido Tianguá - Piauí, no local conhecido como Piçarreira, distrito de Pindoguaba e assentamento Valparaíso. (SILVA, 2004, p. ???).

Os formigueiros se escondem no formigar de moradores ávidos pela captura do inseto. E essa avidez dos moradores sempre aparece no início do

---

<sup>25</sup> SÁ, Lúcia Barreto de. **Tanajura e seus significados**. Disponível em: <<http://www.faculdadesmaringa.br>>. Acesso em 24 de Outubro de 2014.

<sup>26</sup> CARVALHO. Amauri Pinto de. **Mapeamento Cultural**. Entrevista concedida. Residência do entrevistado. 27 de julho de 2013.

ano na Serra da Ibiapaba, conforme o relato escrito de João Bosco Gaspar ao pedir de tombamento da tanajura como Patrimônio Imaterial:

O mês de janeiro é sem hesitação o período do ápice cultural na Ibiapaba. Sem desmerecer as festas juninas e as demais manifestações culturais da região, é em janeiro que acontece a maior manifestação cultural da Serra Grande.

É quando toda a população da serra, obedecendo a um ritual sagrado que se perde ao longo do tempo, sai à cata das tanajuras (ou içás) para fritá-las no óleo quente e, depois degustá-las como a iguaria mais saborosa de toda a culinária ibiapabana<sup>27</sup>.

Há no momento da caça, Segundo o escritor Amauri Pinto de Carvalho uma celebração conhecida popularmente pelos caçadores de tanajura. Com um cipó nas mãos, eles cantam: “Cai-cai tanajura que teu pai tá na gordura”<sup>28</sup>, pois acreditam que por meio dos versos as tanajuras se hipnotizam, facilitando sua captura. Essa forma de celebrar a tanajura foi repassada de geração a geração, e por conta disso não se tem conhecimento do criador de tal rima. Atualmente essa celebração faz parte do folclore municipal de Tianguá.

Para a escritora Vânia Maria Nogueira de Vasconcelos, a tanajura e todo o processo de captura e consumo faz parte de uma identidade indígena que ainda é viva no cotidiano tianguaense, como podemos entender melhor a seguir:

“Na realidade a tanajura faz parte da vida da gente, então ela é uma coisa que tá encravada no inconsciente de cada pessoa, porque a gente vive a história da tanajura. Na minha infância o que eu mais gostava é quando chegava a pega da tanajura, para eu pasturar o buraco, pegar tanajura, aquela história toda...”

A cultura da tanajura faz parte da vida, do imaginário, de um passado mais bucólico, mais rural, ela faz parte de tudo isso e reporta nossa identidade que é muito importante, a indígena. Porque a gente não valoriza essa veia indígena que temos, porque o degustar da tanajura é uma cultura indígena e a gente tem essa tendência de negar nossas raízes, de negar principalmente essa descendência indígena, mas a gente é tão índio que come tanajura”<sup>29</sup>

Apesar de a escritora afirmar que “a gente tem tendência de negar nossas raízes”, o tianguaense ainda permanece, embora que

---

<sup>27</sup> Trecho do Pedido de Tombamento de Patrimônio Imaterial de Tianguá.

<sup>28</sup> Trecho do Art.1º da Portaria nº 066/07, de 19 de outubro de 2007.

<sup>29</sup> VASCONCELOS Vânia Maria de. **A Cultura da Tanajura em Tianguá**. Residência da entrevistada. 17 de outubro de 2014. Entrevista Oral.

inconscientemente, reafirmando sua origem tabajara por meio da atribuição de significado à cultura da tanajura, que é enfatizada no cotidiano da cidade através das mais variadas manifestações artísticas.

Após a captura da formiga, os caçadores iniciam um novo processo, que é o da seleção do “filé”, composto pelo abdômen do inseto. Há a retirada das asas, ferrões e alguns preferem também a retirada do que popularmente é chamado de cabeça. O petisco é consumido frito, com sal e manteiga, pode ser utilizado como ingrediente principal para o preparo de farofa ou até mesmo comercializado.

Embora seja um hábito comum o consumo de tanajura na região, não há homogeneidade no consumo do petisco se comparado com as demais expressões culturais, já que existem também habitantes da cidade que não desfrutam da iguaria, seja pelo fato de desconhecerem o sabor, seja por não apreciarem. É também sabido que muitas são as historietas conhecidas pelo imaginário popular entorno da figura mítica da tanajura, por exemplo, que elas se alimentam de defuntos, que vêm em túneis subterrâneos dos cemitérios. É possível que a crença nessas histórias impeça a muitos de consumirem a famosa formiga. Contudo, estudos científicos, como o contido no site *pestsolution*<sup>30</sup>, afirmam que a tanajura ou içá se alimenta do fungo mutualista, desmistificando a crença popular.

### 3.3.3. Tanajura: patrimônio imaterial de Tianguá

A partir da identificação da tanajura como elemento cultural pertencente à cidade de Tianguá, o escriturário e escritor João Bosco Gaspar solicitou, por meio do Processo 001/2008, o tombamento da famigerada formiga como patrimônio imaterial do município, com base no Decreto nº 066/2007. Nesta ocasião, foi criada uma comissão com o objetivo de analisar o processo de tombamento solicitado. Essa comissão foi composta pelos seguintes membros: Vânia Maria Nogueira de Vasconcelos (Presidente); Alfredo Nogueira de Vasconcelos (membro); Maria do Amparo Moreira dos Santos (membro);

---

<sup>30</sup>Pestsolution Controle de Pragas. FORMIGAS. Disponível em: <<http://www.pestsolution.com.br>>. Acesso em 23 de Outubro de 2014.



Raimundo Clarindo dos Santos (membro); Amauri Pinto de Carvalho (membro); Natanael Portela de Sousa (membro); Márcio Araújo Pontes (membro) e Francisco Gleison da Costa Monteiro (assessor da Comissão).

O autor da proposta expôs a seguinte justificativa para o tombamento da tanajura como patrimônio imaterial:

[...] desde a colonização portuguesa na Ibiapaba existe a prática de capturar e preparar a tanajura e/ou saúva e transformá-la em iguarias comestíveis. As ações de identificação e de produção de conhecimento sobre o bem em questão se desenvolveram por entender são práticas coletivas da comunidade em que estão presentes nas suas experiências de vida e arte de captura e preparo passa de geração para geração. Por este motivo consideramos que a prática da tanajura a construir memórias e reforçam a identidade de um povo a partir destas práticas culturais. Destacamos no parecer técnico que institui o processo do Tombamento da tanajura como Bem Imaterial, as seguintes características: Práticas e vivências culturais coletivas enraizadas na forma de transmissão oral e informal; Referência cultural importante para a identidade de grupos formadores da sociedade tianguaense; incorporando contribuições de diversas etnias<sup>31</sup>.

Essa proposta nasce a partir da preocupação de inúmeros cidadãos tianguaenses de perpetuar a tradição de consumir e celebrar a tanajura como elemento de identificação do povo com seus antepassados. Pode-se perceber por meio das manifestações populares que a tanajura para a sociedade de Tianguá é muito mais que comida, como afirmou em entrevista a escritora Vânia Maria Nogueira de Vasconcelos: “[...] ela é uma história que alimenta a imaginação do povo”.<sup>32</sup>

Oficializar a tanajura como patrimônio Imaterial do município implica em dar cada vez mais visibilidade para o objeto, entendendo que além de ser apropriado pelos costumes locais, faz-se necessário também ser assimilado pelas escolas do município, entendendo que estas são disseminadoras de conhecimento e cultura. A finalidade da apropriação da cultura da tanajura pelos estabelecimentos educacionais tem o sentido de refletir sobre a importância da tradição local e as implicações da desta na história, tornando o conhecimento informal que o estudante supostamente já possui em algo

---

<sup>31</sup> Trecho extraído da Ata do dia 07 de julho de 2008, para a aprovação da Tanajura como patrimônio imaterial do município.

<sup>32</sup> VASCONCELOS, Vânia Maria de. **A Cultura da Tanajura em Tianguá**. Residência da entrevistada. 17 de outubro de 2014. Entrevista Oral.

sistematizado. Afinal, uma das melhores medidas para se perpetuar os costumes de determinado povo é permitir que as novas gerações consigam se conceber vinculadas ao próprio costume.

#### **4 A CULTURA DA TANAJURA EM TIANGUÁ E AS EXPERIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL**

É inegável a influência que a Cultura da tanajura exerce na região da Serra da Ibiapaba, sobretudo em relação à cidade de Tianguá. Essa tradição de se comer e celebrar a formiga povo existe desde os primórdios da história local de Tianguá e vem sendo cultivada até hoje pelos habitantes da cidade. A cultura da tanajura é alimentada de inúmeras formas: por meio de costumes, como o de caçar tanajura e consumi-la; por meio da produção de músicas, cordéis, animações etc.; nas festas carnavalescas, com a representação do Bloco Tanajuras da Serra, entre outros.

No ano de 2008, um cidadão tianguaense manifestou diante da Câmara Municipal da referida cidade o tombamento da tanajura como patrimônio imaterial do município. Essa iniciativa, no entanto, ainda não foi consumada, faltando para isto apenas ser sancionada. Tal atitude é motivo de se refletir sobre o grau de identificação do cidadão de Tianguá com o elemento cultural em questão, apesar de ser perceptível que a famigerada formiga já se constitui patrimônio na memória do povo.

No ano de 2006, foi desenvolvido um mapeamento cultural do patrimônio da cidade em virtude do prêmio Selo UNICEF. Na ocasião, a agência (UNICEF) propôs o tema Gestão de Políticas Públicas: patrimônio, cultura e cidadania e a produção de um mapeamento cultural das riquezas patrimoniais do município. No dado período, a Comissão de Cultura da Secretaria de Educação Municipal iniciou a execução do projeto com base no imaginário local, como lendas, mitos etc., estudado nas escolas públicas municipais, o que mobilizou inúmeros outros trabalhos em torno do assunto.

O mapeamento gerou uma maior aproximação da educação municipal com a história local, especialmente no que diz respeito ao imaginário da região em torno das tradições e costumes; ou seja, houve uma maior exploração da cultura popular do lugar por conta do mapeamento. As escolas se aproximaram significativamente do elemento tanajura, principalmente,

porque o projeto foi aplicado em quase todas as escolas da rede pública municipal e deixou como resultado uma coleção de livros infantis que aborda o imaginário da cidade. Entre esses livros, *A Lenda da Tanajura* (2011), da escritora Vânia Maria Nogueira de Vasconcelos, até hoje é utilizado em diversas disciplinas em sala de aula.

O objetivo deste capítulo, por conseguinte, é relatar a experiência do mapeamento cultural vivenciada pela cidade de Tianguá com foco no símbolo tanajura e nas consequências que este gerou na educação formal e informal do município. Inicialmente será abordado como se deu a iniciativa do projeto; em seguida, como ocorreu todo o processo do mapeamento e, finalmente, o que ele gerou na educação municipal.

#### **4.1. O surgimento da iniciativa do mapeamento cultural**

O mapeamento cultural é um levantamento de dados referentes à cultura local, por exemplo, lugares de memória, eventos culturais, festas folclóricas e símbolos da cultura regional. Esses dados se constituem em um instrumento de conhecimento da realidade cultural do município, além de permitir o planejamento e desenvolvimento de ações que visem melhorar as políticas públicas de cultura.

A ideia da elaboração de um mapeamento cultural surgiu a partir da proposta do UNICEF que “é uma agência das Nações Unidas que tem como objetivo promover a defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes, ajudar a dar resposta às suas necessidades básicas e contribuir para o seu pleno desenvolvimento”.<sup>33</sup> No ano de 2006, o tema sugerido para o prêmio Selo UNICEF Município Aprovado era Gestão de Políticas Públicas: patrimônio, cultura e cidadania. Foi a partir desta proposta que o Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Município de Tianguá, liderado na época pela escritora Vânia Maria Nogueira de Vasconcelos, iniciou um ciclo de debates a respeito de como se daria o desenvolvimento desse projeto.

Foi criada uma comissão composta pelos profissionais que atuavam na Secretaria de Educação e que também eram engajados com projetos

---

<sup>33</sup> UNICEF. **A UNICEF**. Disponível em: <<http://www.unicef.pt/artigo.php?mid=18101110&>>. Acesso em: 28 de Out. de 2014.

culturais da cidade. A comissão era composta pelos seguintes membros: Vânia Maria Nogueira de Vasconcelos (responsável técnica), Maria do Amparo Moreira dos Santos (articuladora cultural), Amauri Pinto de Carvalho (coordenador cultural e pedagógico) e Natanael Portela de Sousa (diretor de arte).

Logo depois da articulação dos profissionais da Secretaria de Educação, foram realizadas reuniões com os diretores das escolas participantes com a finalidade de apresentar o projeto e a metodologia utilizada. Nesta ocasião, foi escolhido um coordenador de cada grupo em cada escola entre os alunos de 10 a 17 anos. A escolha dessa faixa etária se deu por se pressupor que os alunos tenham domínio de leitura, escrita e interpretação de textos. As crianças e adolescentes escolhidos precisavam ter um perfil diferenciado, exibindo boa comunicação e certa autonomia, tendo em vista que eles coordenariam o seu grupo.

As escolas escolhidas para a realização do mapeamento cultural foram, inicialmente, as que eram inseridas nos distritos de Tianguá: Olinda, Tabainha, Arapá e Pindoguaga; além daquelas localizadas na zona rural do município, como é o caso das comunidades dos Tucuns, Poço de Areia, Croatá, Pé do Morro, Tabocas, São José, Laranjeiras, Acarape, Bela Vista, Santo Izídio, Tianguazinho, Itaguaruna, Solidão, Córrego, Pinga, Cacimbas, São João, entre outras. Posteriormente, as escolas de maior porte da zona urbana também passaram a ser participantes do projeto. São elas: Centro Educacional Professor Benjamin Cavalcante (CEBEC), Centro de Educação Básica (CEB), Escola Helena Sá, Escola Ofélia Portela Moita, Escola Ofélia Vasconcelos e a Escola Dom Javier.

#### 4.1.2. O que é o Selo UNICEF Município Aprovado?

O prêmio Selo UNICEF Município Aprovado é uma iniciativa do UNICEF para melhorar a qualidade de vida das crianças e adolescentes de regiões semiáridas e da Amazônia Legal Brasileira, tendo em vista que nessas regiões se encontram um número expressivo de crianças e adolescentes em situação vulnerável. O Selo UNICEF é um reconhecimento internacional que o município recebe da instituição das Nações Unidas pela inovação em políticas

públicas que visem melhoria das condições de vida de crianças e adolescentes.

Para que o município possa participar dessa atividade, deve haver uma inscrição no site da UNICEF. Em seguida, os municípios inscritos são agrupados segundo suas realidades socioeconômicas e, a partir disso, assumem o compromisso de elaborar um diagnóstico participativo do município sobre a situação das suas crianças e adolescentes. O processo da atividade do Selo perpassa pela capacitação dos gestores e técnicos municipais até a avaliação dos resultados de cada cidade. Se os índices ligados às categorias de educação, saúde e assistência social melhorarem, as cidades recebem o reconhecimento de Município Aprovado por meio do Selo UNICEF.

Segundo o UNICEF, “a iniciativa vem contribuindo para que o Brasil alcance os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) relacionados à população de até 17 anos, reduza as disparidades regionais e avance na universalização dos direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente.

„34

#### **4.2. As etapas do projeto**

O projeto de Mapeamento Cultural do Município de Tianguá foi dividido em duas etapas: a *mobilização* e a *pesquisa*. A fase correspondente à mobilização da comunidade foi realizada nas escolas e associações comunitárias da zona urbana e zona rural. As escolas, em especial, contaram com a participação de Grêmios Estudantis, que propagaram o projeto via folders, panfletos, cartazes, palestras, entre outros, conscientizando a importância da participação comunitária. Além desses meios de mobilização, houve também a divulgação do projeto por meio da propaganda de rádio e carro de som.

A etapa da pesquisa ocorreu com a concretização de uma coleta de dados sobre as expressões culturais do município. A coleta se deu através de fichas de pesquisas e produções textuais elaboradas pelos alunos de Ensino Fundamental com o auxílio dos seus respectivos professores. A pesquisa

---

<sup>34</sup> UNICEF. Selo UNICEF Município Aprovado. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil>. Acesso em: 28 de Out. de 2014.

envolveu as referências culturais do universo patrimonial, tanto material, quanto imaterial ou intangível, devendo contemplar os critérios de representação da geografia, artes, etnia e gênero.

#### 4.2.1. Pesquisa: período de capacitação

Antes do início da execução do Mapeamento Cultural, houve um período de capacitação tanto para a comissão que estava coordenando o projeto, como para os coordenadores e alunos das escolas participantes. Além da capacitação, houve dois treinamentos: um em Meruoca – CE e outro em Fortaleza – CE, preparados pela equipe do UNICEF para os articuladores municipais. O objetivo do Encontro Estadual de Articuladores do Selo UNICEF Município Aprovado de 2006 era, segundo Patrício Fuentes (coordenador do Selo UNICEF dos estados Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte), fornecer ao articulador “a oportunidade de discutir e entender esta nova metodologia e ainda montar o seu plano de trabalho no município”,<sup>35</sup> além de familiarizar os responsáveis pelo mapeamento de cada cidade com os instrumentais utilizados no desenvolvimento da atividade; caderno de bordo, questionários etc.

Em cada caderno de bordo (material utilizado para a pesquisa), havia vários questionários, que variavam entre questões objetivas e subjetivas. Esses questionários apresentavam variadas linguagens culturais, como lendas, causos, superstições, contos, curiosidades, histórias locais e figuras populares.

Os articuladores municipais foram responsáveis pelo treinamento dos coordenadores e professores das escolas participantes. As oficinas, por exemplo, foram elaboradas a fim de preparar os coordenadores e professores para implantar o Mapeamento Cultural em suas unidades escolares. Após os trabalhos com os responsáveis de cada escola, foram realizadas também, em outro momento, oficinas mediadas pelos articuladores municipais para os alunos que liderariam o trabalho dos grupos de alunos que participariam do mapeamento.

---

<sup>35</sup> UNICEF. **Selo UNICEF 2008 realiza Encontro Estadual de Articuladores**. Disponível em: <[http://www.selounicef.org.br/\\_selounicef](http://www.selounicef.org.br/_selounicef)>. Acesso em: 28 de Out. de 2014.

Os estudantes escolhidos para participarem do desenvolvimento do Mapeamento Cultural foram selecionados pelos professores e coordenadores escolares, que entregaram alguns temas relativos à cultura municipal, a fim de que os alunos elaborassem seus próprios projetos. Além de elaborar os projetos, os estudantes tinham também que defendê-los para a comunidade escolar. Houve a escolha das melhores defesas, e os alunos que ganharam passaram a participar do processo de mapeamento.

#### 4.2.2. Pesquisa: mapeamento cultural (2006)

De cada escola foram escolhidos três grupos de dez alunos para o projeto. Após a seleção dos alunos, foram selecionados pelos professores e núcleos gestores as disciplinas que se responsabilizariam pela mediação das atividades. As disciplinas escolhidas nas escolas participantes foram História, Geografia, Português, Artes e Religião. Cada disciplina abordaria um tema conforme seu conhecimento específico. O símbolo tanajura também estava entre os temas trabalhados em sala de aula. Em virtude desta pesquisa se deter ao tema tanajura como patrimônio imaterial de Tianguá, a descrição das atividades envolvidas no processo Selo UNICEFF será restrita àquelas que envolvem a tanajura, em detrimento dos outros temas trabalhados no processo de mapeamento.

O primeiro momento do processo ocorreu com as oficinas. Os alunos manifestaram seus conhecimentos a respeito do tema por meio da resolução de questionários (com questões objetivas e subjetivas). Cada questionário era composto de dez questões sobre os seguintes temas: Eventos e manifestações culturais; Ofícios e modos de fazer; Lugares, prédios e construções; Lendas, causos, superstições, contos e curiosidades; Brincadeiras e brinquedos infantis; Figuras populares; Expressões e vocábulos regionais; Histórias locais; Grupos étnicos específicos e Instituições e entidades locais. No contexto das oficinas, a tanajura era trabalhada como patrimônio da cidade. Algumas das perguntas dos questionários em torno do símbolo tanajura, segundo o

professor Amauri Pinto de Carvalho,<sup>36</sup> eram: – Como você celebra a tanajura? ;  
– **Você costuma pegar tanajura com que finalidade?**.

Segundo o professor Amauri Pinto de Carvalho, que exerceu a função de coordenador cultural e pedagógico no projeto, as crianças e adolescentes já se identificavam com a cultura da tanajura e expressaram essa identificação nas oficinas: “Boa parte das crianças já sabia pegar tanajura. Elas diziam: Ah! Tanajura eu pego!; Ah! Tanajura eu como!; Meu pai sai para pegar tanajura todo ano e eu vou com ele.”<sup>37</sup> Essas afirmações demonstravam que os alunos possuíam conhecimento prévio sobre o assunto com base em suas experiências particulares. No entanto, esse conhecimento ainda não estava entendido como elemento participante de pertencimento do habitante de Tianguá, que era a cultura da cidade.

As primeiras oficinas tinham a função específica de proporcionar a professores e alunos o conhecimento da história e cultura do município, além de familiarizar os alunos com os instrumentais que iriam ser utilizados na pesquisa, preparar para as entrevistas que em outro momento iriam ser realizadas com as pessoas mais idosas da comunidade escolar e diagnosticar o que os educandos já possuíam de conhecimento sobre o assunto.

As fotos a seguir mostram alguns momentos das oficinas realizadas no período do mapeamento.

---

<sup>36</sup> CARVALHO. Amauri Pinto de. **A Cultura da tanajura em Tianguá**. Residência do entrevistado. 27 de jul. de 2013.

<sup>37</sup> *Ibid*





Centro Educacional Professor Benjamin Cavalcante (CEBEC) – 2006



Centro Educacional Professor Benjamin Cavalcante (CEBEC) – 2006

Em seguida, os alunos saíram a campo para pesquisar sobre os temas propostos. Entre eles, a tanajura que pode se encaixar em várias das temáticas sugeridas: Eventos e manifestações culturais, no que diz respeito à caça da tanajura e todo o processo que esta demanda; Lendas, causos, superstições, contos e curiosidades, no que refere às lendas sobre a origem do costume de se comer tanajura na cidade e Ofícios e modos de fazer, quando se tratava da comercialização do inseto e dos modos de preparo do mesmo.

Algumas das perguntas que os alunos haviam respondido em um momento anterior iriam ser também usadas no momento das entrevistas realizadas na comunidade escolar.

Havia dez tipos de ficha e cada uma delas serviria para identificar as diferentes expressões culturais. Elas eram uma espécie de roteiro que tinha a finalidade de orientar os alunos no momento da entrevista. Nelas deveria ser registrado o máximo de informações possíveis coletadas junto ao entrevistado.

O mapeamento foi realizado em todas as localidades do município (sede, distritos e povoados), tendo em vista que a intenção era abranger no projeto de mapeamento o máximo de informações possíveis a respeito da cultura local. O Mapeamento Cultural obedeceu o seguinte processo:

- a) **1º passo:** preencher as fichas de identificação (questionários) a partir das informações coletadas com o entrevistado e anotar as informações-chave de cada expressão no diário de campo;
- b) **2º passo:** produzir textos dos itens mapeados a partir das fichas de identificação;
- c) **3º passo:** reunir informações sobre a realidade local disponível em outras fontes, como livros, fotografias, vídeos.

As crianças e adolescentes saíam pela comunidade em que a escola se situava com seus cadernos de bordos entrevistando aqueles que julgavam deter um maior conhecimento sobre a cultura do município. Com base nas orientações recebidas nas oficinas, os alunos buscavam abordar pessoas mais idosas, principalmente aquelas que possuíam o hábito de contar histórias. Inicialmente, eles faziam uma sondagem oral, a fim de identificar a que tipo de manifestação cultural a pessoa detinha conhecimento. Por meio das entrevistas, cada mapeador (aluno) preenchia as fichas de controle conforme a manifestação presente em uma das categorias, por exemplo, Lendas, causos, superstições, contos e curiosidades. Muitos dos entrevistados contavam lendas de como se iniciou o hábito de se ingerir tanajura na Ibiapaba, já outros falavam do processo de captura da tanajura, alguns descreviam como ela era celebrada e esperada no início do período chuvoso, entre outros.

Ao retornarem das pesquisas, os alunos sistematizavam o conhecimento adquirido por meio das entrevistas em forma de textos, desenhos, cordéis, poesias etc., que eram meios utilizados pelos grupos para socializar as informações contraídas. Além disso, as produções seriam avaliadas e submetidas à aprovação pela comissão do Selo UNICEF – Edição 2006. A imagem a seguir mostra o momento reservado à socialização das informações adquiridas nas entrevistas.



Centro Educacional Professor Benjamin Cavalcante (CEBEC) – 2006

Quando as produções realizadas nas oficinas eram conduzidas para a sala de aula, os professores davam a abordagem que a disciplina exigia, trabalhando as obras de forma interdisciplinar. A matéria de Português, por exemplo, trabalhava tanto no aspecto da interpretação textual, quanto gramatical. Já a História buscava estabelecer relações entre as lendas, costumes, brincadeiras, dentre outros, com o contexto da história do município. A disciplina de Artes, por sua vez, trabalhava outras produções com base naquilo que os alunos mediadores do projeto já haviam elaborado. A Geografia abordava o tema no aspecto humano e cultural. A disciplina de Religião, por outro lado, analisava o lado mitológico atribuído a algumas produções que tinham como base as lendas locais.

Depois de todo o processo de produção do mapeamento nas escolas participantes, haveria a culminância do projeto. Nesse evento, eram

apresentados poemas, danças, cordéis, enfim, todas as produções elaboradas pelos alunos da respectiva escola no decorrer do processo de Mapeamento Cultural.

### 4.3. As consequências do mapeamento cultural

Ao fim de todo o processo do mapeamento, houve a coletânea do material produzido em dois álbuns, que reuniram desenhos e outras formas de expressão, como poemas, poesias, cordéis, textos. No ano de 2011, esse material foi transformado em uma coleção de livros infantis chamada *Contos e Lendas* (2011); nela, está *A lenda da Tanajura* (2011) da escritora Vânia Maria Nogueira de Vasconcelos, que relata uma das versões contadas a respeito da origem do costume de se comer tanajura na Ibiapaba.

Além da coleção de livros, várias manifestações de identificação da cultura da tanajura passaram a ser vislumbradas após o projeto. Segundo a escritora anteriormente mencionada:

Houve um despertar das escolas, dos alunos, dos diretores e uma grande aceitação por parte dos alunos, porque antes a gente não via projetos culturais nas escolas e hoje as escolas já trabalham no currículo escolar com a coleção *Contos e Lendas*. A tanajura foi apresentada como dança e participou de vários projetos, a própria tanajura exibida em audiovisual [...] até então, a cultura no município era colocada sem importância, sem relevância na educação, ela era vista apenas como lazer, não havia um conhecimento sistematizado como a educação requer [...] a partir disso, foi possível entender que a cultura é a base da educação e a identidade do povo<sup>38</sup>.

Para a professora Vânia Vasconcelos, há um marco que divide a educação de Tianguá em relação ao uso da cultura: os períodos de pré e pós-mapeamento, pois, segundo a autora, antes do projeto ser implantado, pouca importância se dava à cultura no contexto educacional, tanto da educação formal, quanto informal. Para justificar afirmação, a escritora faz referência a projetos que surgiram com o passar do tempo em relação à cultura da tanajura, como é o caso da produção dirigida por George Alex Barbosa *O voo nupcial*, lançada em dezembro de 2011, que relata a aventura de uma tanajura que

---

<sup>38</sup> VASCONCELOS, Vânia Maria de. **A Cultura da Tanajura em Tianguá**. Residência da entrevistada. 17 de Out. de 2014. Entrevista Oral.

queria sair do formigueiro para se acasalar. Além da história, a produção de Alex Barbosa também retrata o antigo hábito do tianguaense de comer tanajura. A animação atualmente é usada nas escolas municipais, associações, entre outros, com o objetivo de ampliar o conhecimento de estudantes e habitantes da cidade sobre a cultura do lugar.

Hoje o livro *A lenda da Tanajura* (2011), da coleção *Contos e Lendas* é utilizado muitas vezes como recurso paradidático nas escolas públicas e particulares do município. As turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), por exemplo, usam o livro nas disciplinas de História e Artes como subsídio para a apropriação da cultura e história local. Algumas escolas públicas da rede municipal utilizam o livro nas disciplinas já mencionadas e também nas de Geografia, como base de compreensão da cultura do lugar e até na de Religião, tratando da religiosidade indígena. O Colégio Santa Maria, instituição de ensino privado, adotou as lendas nas matérias de Literatura e Produção Textual. O curso HB Inglês Intercâmbio, que promove cursos de inglês, resolveu também aderir a ideia de trabalhar a tradução para o inglês de livros que abordam a história local, e ele foi mais uma vez escolhido.

Citamos anteriormente o uso da tanajura em Tianguá na educação informal e vimos diversos exemplos, como a animação produzida por George Alex Barbosa, que é apresentada em escolas e associações. Mas há também outros exemplos da influência da formiga no âmbito da cultura local. A rádio Serrana FM, veículo de comunicação local, passou a reservar um espaço para a leitura de algumas obras e *A lenda da Tanajura* está mais uma vez incluída nas obras selecionadas.

A professora Vânia Vasconcelos, em uma de suas falas, trata a respeito das experiências vivenciadas na cidade, que reúnem aspectos da cultura da tanajura e da promoção do símbolo no decorrer dos anos graças à produção do mapeamento. A escritora relata que

a tanajura começou a ser vista em outros formatos, não só como elemento de degustação, passou a ser vista como um elemento que poderia ser usado na literatura, na dança, em audiovisual, houve uma apropriação da cultura da tanajura, enquanto patrimônio imaterial do município e aí foi quando instigaram a escola a passar a fazer pesquisa, mas uma pesquisa ainda morna. Com o lançamento do projeto *Contos e Lendas* (Coleção infantil) [grifo meu], a tanajura sendo formata

como livro, partindo para o campo da literatura, a escola se apropriou muito mais disso e a partir daí começaram a fazer um trabalho mais amíúde a cerca da tanajura [...]. As pessoas começaram a se apropriar como elemento de aquisição de conhecimento, como elemento de resgate de cultura. Dentro desse bojo, nos reporta a formação étnica do povo (os costumes, as lendas)<sup>39</sup>.

A autora, por meio de sua fala, demonstra claramente a intimidade do habitante tianguaense com o elemento tanajura, relatando a sua influência em vários âmbitos do cotidiano local. O mapeamento cultural se constituiu como fator precursor do incentivo a constituição de uma visão melhor elaborada sobre a cultura do lugar, atribuindo a esta o espaço que anteriormente não lhe era cedido.

O ensino de História deve cumprir um papel especial na discussão e execução de atividades e projetos que estejam voltados para a educação patrimonial. O mapeamento cultural de Tianguá, apesar de não ter sido um projeto emanado da sala de aula ou da disciplina de História, foi, sem dúvidas, um fator gerador de reflexão no âmbito educacional, mostrando para a cidade que é a partir da educação, seja ela formal, seja informal, que se pode desenvolver consciência da preservação dos bens de um lugar e até promover um sentimento de pertencimento do habitante para com o local em que está inserido.

---

<sup>39</sup> *Ibid*

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino da história local vem ganhando cada vez mais espaço na disciplina de História, bem como a educação patrimonial e o estudo da memória de povos que ao longo do tempo foram relegados ao esquecimento por várias gerações, é o caso dos indígenas e africanos. Nesta pesquisa buscou-se dar visibilidade a um aspecto da cultura indígena bastante presente na cidade de Tianguá, a prática de capturar e comer tanajura. Porém, mas que uma abordagem de âmbito cultural, buscou-se entender a apropriação desse costume pelas escolas no contexto do ensino de História, atrelado a outras disciplinas.

Foi possível perceber por meio deste trabalho a intimidade que o cidadão tianguaense possui com a cultura da tanajura e como isso reflete na educação tanto formal, quanto informal do município. A leitura de livros regionais em programas de rádio, incluindo *A lenda da Tanajura*; eventos culturais da cidade; produção de animações tendo como abordagem a figura da tanajura entre outras manifestações, mostram que o imaginário tianguaense está repleto de resignificações a respeito do elemento em questão e isso facilita a compreensão do educando ao ter esse tema trabalhado em sala de aula. A tanajura faz parte do cotidiano do lugar, seja por meio da tradição de pegar e comer a formiga ou mesmo pelos elementos culturais que são produzidos em torno do costume anteriormente mencionado.

O mapeamento cultural realizado por alunos das escolas públicas municipais de Tianguá constituiu-se como fator impulsionador da produção de várias manifestações que giram em torno da tanajura, a exemplo da coleção *Contos e Lendas*, contendo a *Lenda da Tanajura* (2011), que veio a se tornar proposta de intermediação do ensino da história local, não somente por meio do ensino de História, mas também de outras disciplinas afins. O projeto permitiu um despertar para a pesquisa e uma sistematização de informações a respeito da cultura local.

Foi possível também por intermédio do mapeamento cultural identificar a apropriação do mapeador (aluno) sobre o elemento abordado, permitindo o desenvolvimento de uma noção de pertencimento daquele em relação a cultura do local. Além disso, no decorrer do projeto foi sendo desenvolvido nos

participantes uma noção de cidadania e intimidade com o espaço onde os mesmos estavam inseridos, no caso específico, a cidade de Tianguá. Houve através do projeto, um despertar também para o protagonismo das crianças e adolescentes participantes do mesmo, através das exposições de suas pesquisas nas oficinas realizadas do decorrer do mapeamento.

Esta pesquisa possui a finalidade de contribuir com o estudo da cultura da tanajura na cidade de Tianguá, fazendo uma relação desta com o ensino do patrimônio em questão. Além do mais, tem a intenção de dar visibilidade ainda maior para o bem estudado (a tanajura) e impulsionar mais pessoas a desenvolverem pesquisas sobre o assunto, permitindo que as próximas gerações mantenham vivo o costume de pegar, comer, celebrar este elemento cultural e continuar a dar significados ao mesmo.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEMÃO, Márcio. Içá? Quiçá? “No Vale do Paraíba, em São Paulo, restaurante serve há 30 anos saborosa farofa com famosa formiga”. In: **Carta Capital**. n. 731. p. 57, 2013. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/cultura/ica-quica/>>. Acesso em 16 de Janeiro de 2013.

AYALA, Marcos. AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura popular no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2006.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Conteúdos Históricos como selecionar? In: **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia** (1ª a 4ª série do ensino fundamental). Brasília: MEC, 1997.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br>>. Acesso em 07 de Outubro de 2014.

CASTRO, Luiz Calos Rolim de. O Bardega do Didi na querida Tianguá. [Folheto de Cordel] / Lucarocas. Fortaleza: 2008.

DROPA, Romualdo Flávio. **A memória como direito fundamental do homem**. Disponível em: < [www.advogado.adv.br](http://www.advogado.adv.br) > Acesso em 29 de Junho de 2012.

LIMA, Idelsuíte de Sousa. **A abordagem do ensino de história local nos livros didáticos**. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br>>. Acesso em 02 de Julho de 2014.

GASPAR, João Bosco. **Lendas, contos e mitos da Ibiapaba**. Tianguá: 2012.

JAFFÉ, Klaus; LUCIA, Terezinha Della; VILELA, Evaldo Ferreira. **Formiga Cortadeira: a linguagem dos odores**. Ciência Hoje. Rio de Janeiro. v. 6. n. 35. p. 26-31, 1987.

LAREDO, Gustavo. **Aperitivo de formiga**. Disponível em: <<http://revistagloborural.globo.com>>. Acesso em 22 de outubro de 2014.

MAGALHÃES JUNIOR, A. G., LIMA, J. M. C. Ensinando História no Brasil: trajetórias de percurso In: **VI Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História**, 2007, Natal. Múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços. Natal: UFRN, 2007. v.1. p.58.

MONTALVÃO, Kátia. **Recompondo memória e tecendo História: a História Local revisitada na trajetória do fundador da cidade de Montalvânia**. Disponível em: <<http://www.campus12.uneb.br> >. Acesso em 10 de Julho de 2014.

MOURA, C; PINHEIRO, A; SOUZA, F. M. C. **Ensino, Patrimônio Cultural e Sociedade**. Revista Historiae: Rio Grande do Sul. v. 3. n . 3. 2012. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/hist/article/view/3263/1941>>. Acesso em 28 de Outubro de 2014.

NASCIMENTO, Evandro Carlos do. **História, Patrimônio e Educação Escolar**: diálogos e perspectivas. Disponível em: <[www.educadores.diaadia.pr.gov.br](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br)>. Acesso em: 04 de Julho de 2013.

NOGUEIRA, Natania. **História Local e Memória**: conhecer e pertencer. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net>>. Acesso em: 02 de Julho de 2014.

PELEGRINI, Sandra C. A. Historicidades locais: interfaces entre as políticas públicas de preservação do patrimônio imaterial e da cultura material. PRIORI, Ângelo (org). **História, Memória e Patrimônio**. Maringá, 2009.

PEREIRA, Aldiceia Machado. **A Importância da História Local para o ensino de História**: um olhar para o município de Duque de Caxias. Disponível em: <<http://pinba.files.wordpress.com>>. Acesso em 02 de Julho de 2014.

RODRIGUES, André Wagner. A história positivista: características introdutórias. Disponível em: <http://www.historiaemperspectiva.com/2012/01>. Acesso em 24 de Outubro de 2014.

SÁ, Lúcia Barreto de. TANAJURA E SEUS SIGNIFICADOS. Disponível em: <<http://www.faculdadesmaringa.br>>. Acesso em 24 de Outubro de 2014.

SANT'ANNA, Marcia. A face imaterial do Patrimônio Cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs). **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: 2003.

SILVA, F. Edilson. **Tempo da revoada**: Tanajura é iguaria na culinária da Ibiapaba. Diário do Nordeste: 19 de janeiro de 2004.

SILVA, Henry Marcelo Martins da. **O ensino de História e Patrimônio Cultural**: educação para a cidadania. Disponível em: <[www.funecsantafe.edu.br](http://www.funecsantafe.edu.br)>. Acesso em 02 de Julho de 2014.

VASCONCELOS, Vânia Maria Nogueira de. **Chaga da Onça** – O contador de causos. Coleção Contos e Lendas das Terras do Barroço. Instituto Lamparina: Tianguá, 2011.





